

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA  
LICENCIATURA EM TEATRO**

**JENNIFER KETTYN RIBEIRO DA SILVA**

**TEATRO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL:  
METODOLOGIAS E DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO PROJETO  
MULTILINGUAGENS-ARTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UFRGS**

**PORTO ALEGRE  
2021**

**JENNIFER KETTYN RIBEIRO DA SILVA**

**TEATRO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL:  
METODOLOGIAS E DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO PROJETO  
MULTILINGUAGEM/ARTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UFRGS**

Projeto de Pesquisa do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentado ao Colégio de Aplicação da UFRGS, como requisito básico para a realização da pesquisa na instituição para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Patrícia Leonardelli

**PORTO ALEGRE- RS**

**2021**

**JENNIFER KETTYN RIBEIRO DA SILVA**

**TEATRO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL:  
METODOLOGIAS E DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO PROJETO  
MULTILINGUAGENS/ARTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UFRGS**

Relatório apresentado à UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL, como parte das exigências para obtenção  
do título de graduação no curso de Licenciatura em Teatro.

Orientação Prof. Patrícia Leonardelli

Porto Alegre 02 de dezembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Patrícia Leonardelli - Orientadora

---

Prof.Dr Mesac Silveira - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos -UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup>.Dra. Sílvia Balestreri - UFRGS

---

Dedico este trabalho à Cristiane dos Santos Ribeiro e Arcelia dos Santos Ribeiro. Mãe. Vozinha. Sem o amor, acolhimento e incentivo de vocês, este trabalho não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida avó, Arcelia dos Santos Ribeiro, por todo cuidado, amor e zelo que dedicaste não só a mim, mas à nossa família. A senhora é a inspiração da minha vida, um exemplo de força, perseverança e generosidade. Te amo vizinha!

Agradeço à minha mãe Cristiane dos Santos Ribeiro por confiar nas minhas escolhas, por me dar força e sustentabilidade nos momentos de crise, por estar sempre disposta a me amparar no que fosse necessário. Te amo mãezinha!

Obrigada Emillyn Ribeiro Alves, por ser essa irmã maravilhosa, que mesmo de longe, esteve sempre incentivando e acreditando no meu trabalho. Obrigada por me fazer rir nos momentos mais tensos dessa jornada. Te amo irmã!

Agradeço de coração à Mônica Torres Bonatto e Fernanda Bulegon Gassen que generosamente compartilharam suas experiências e seus saberes para que esta pesquisa se tornasse possível. Vou levar para a vida todo o aprendizado que tive através da partilha de vocês, queridas. Vocês são mulheres inspiradoras. De todo o meu coração, muito Obrigada!

Agradeço à Patricia Leonardelli, minha querida orientadora que esteve o tempo todo disponível para me amparar no que fosse necessário, por me proporcionar liberdade de escrita, por sua escuta, por sua generosidade e compreensão. Obrigada por tudo!

Gostaria de agradecer aos meus colegas do Programa de Residência Pedagógica pelos encontros cheios de experiências e oportunidades de aprendizagem e de reflexões sobre o fazer pedagógico.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Arte Dramática da UFRGS por seus ensinamentos e por estarem sempre disponíveis para me auxiliar no que fosse preciso durante minha formação.

Agradeço aos meus amigos Jardel Rocha, Thiago Silva, Roger Santos e Yuri Esser por tantos momentos importantes compartilhados na trajetória desta graduação. Com vocês aprendi muito e sigo aprendendo.

Agradeço ao meu companheiro Gustavo Lops Susin por seu grande apoio e incentivo, por acreditar em meu potencial e reafirmá-lo constantemente nos momentos em que eu acreditava que não seria capaz, por seus conselhos sempre muito proveitosos e por sua compreensão aos meus momentos de ausência. Obrigada por tudo, meu amor!

Por fim, agradeço ao Colégio de Aplicação por propiciar este espaço de investigação, especialmente aos estudantes do Projeto de ensino Unialfas, que me ensinaram muito sobre o fazer pedagógico ao longo desta pesquisa.

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado,  
mas faz parte do processo da busca.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender o desenvolvimento e o funcionamento do projeto de ensino Multilinguagem/artes - Projeto que atende os anos iniciais do Colégio de Aplicação da UFRGS, através de um trabalho interdisciplinar das áreas de teatro, música e artes visuais - e refletir sobre a adaptação deste projeto durante o Ensino Remoto Emergencial. A geração de dados foi feita através de entrevistas com docentes que atuam no projeto. Esta pesquisa de abordagem qualitativa será apoiada na metodologia da entrevista compreensiva de Jean-Claude Kaufmann, além de tecer relações com autores que versam sobre educação e ensino das artes. Este trabalho parte do anseio de refletir sobre os caminhos desafiadores da docência durante o Ensino Remoto Emergencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Remoto Emergencial, Metodologias, Colégio de Aplicação-UFRGS.

## **ABSTRACT**

**ABSTRACT:** The present work seeks to understand the development and functioning of the Multilanguages / Arts Education project - Project that attends the initial years of the UFRGS Colégio Aplicação through an interdisciplinary work in the areas of performing arts, Music, and visual arts - and to reflect on the adaptation of this project during Emergency Remote Education. The results was done based on interviews with educators working on the project. This qualitative approach research will be supported by Jean-Claude Kaufmann's comprehensive interview methodology, in addition to establishing relationships with authors who deal with Education and Education areas of performing. This work starts from the need of reflecting on the challenging paths of teaching during Emergency Remote Education.

**KeyWords:** Emergency Remote Teaching, Methodologies, College of Application-UFRGS

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. SOBRE O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS .....</b>	<b>15</b>
<b>2. METODOLOGIA DA ENTREVISTA COMPREENSIVA.....</b>	<b>20</b>
<b>3. TRAJETÓRIAS.....</b>	<b>25</b>
3.1 VIVÊNCIAS DOCENTES - MÔNICA TORRES BONATTO.....	25
3.2 VIVÊNCIAS DOCENTES - FERNANDA BULEGON GASSEN.....	28
<b>4. PRIMEIROS PASSOS DO MULTILINGUAGEM/ARTES.....</b>	<b>30</b>
4.1 COLETIVIDADE E ESCUTA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO.....	34
4.2 ÚLTIMAS ATIVIDADES ANTES DA PANDEMIA.....	35
<b>5. O MULTILINGUAGEM/ARTES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL.....</b>	<b>37</b>
<b>6. NOVAS PRÁTICAS ATRAVÉS DO MOODLE.....</b>	<b>42</b>
6.1 CONSTRUINDO ATIVIDADES.....	46
<b>7. EXPERIÊNCIA COMPARTILHADAS NO RP.....</b>	<b>49</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO I : ENTREVISTA PARCIAL COM FERNANDA GASSEN.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO II: ENTREVISTA COM MÔNICA BONATTO.....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan- China, identificaram o que seria o primeiro caso oficial por infecção da sars-CoV-2<sup>1</sup>. Com o aumento sistemático de casos e rápida transmissão global, em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava que a contaminação pelo vírus da COVID-19 se alterava para o estado de pandemia. Desde então o vírus seguiu se espalhando por todos os continentes, infectando mais de 260 milhões de pessoas e causando mais de 5 milhões de óbitos.

A pandemia da covid-19 afetou todas as esferas da sociedade, e o setor educacional foi um dos mais prejudicados. Devido ao distanciamento social, extremamente necessário para conter a disseminação do coronavírus, as atividades presenciais foram suspensas e de imediato, instituições do mundo inteiro tiveram que reinventar suas metodologias de ensino-aprendizagem, que passaram a ser sustentadas por tecnologias digitais, adotando assim, a modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Diante deste novo cenário educacional, os processos pedagógicos precisaram ser repensados e reconstruídos, docentes de todos os níveis e graus de ensino iniciaram uma nova jornada educacional transitando por um caminho cheio de percalços, desafios e descobertas, visto que precisaram reestruturar suas metodologias de ensino através de recursos digitais.

Atrelado ao início do distanciamento social, o Ensino Remoto Emergencial me provocou diversas inquietações e dúvidas sobre as demandas e necessidades deste novo formato educacional, sobretudo em escolas públicas. Outrossim, demasiada era minha inquietude a fim de compreender como estava se estabelecendo o ensino de teatro dentro deste contexto.

À vista disso, grande foi meu entusiasmo quando em outubro de 2020, pude ingressar no Programa de Residência Pedagógica e através dele, atuar como bolsista residente no Colégio de Aplicação da UFRGS. Nesta inserção, tive a oportunidade de conhecer o funcionamento da escola, seus valores, sua cultura

---

<sup>1</sup> Sars-CoV-2 - (sigla do inglês que significa coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave), cuja doença recebeu a denominação pela Organização Mundial da Saúde(OMS) de COVID-19.

organizacional, conhecer o corpo docente do Departamento de Expressão e Movimento (DEM)<sup>2</sup> e conhecer suas práticas durante o ano de 2020, além de acompanhar doravante as atividades de planejamento pedagógico das turmas dos anos iniciais juntamente com outros colegas residentes e com a professora preceptora.

Uma grata surpresa desta vivência, foi descobrir a estrutura que rege o ensino de artes nos anos iniciais do Cap-UFRGS; o colégio possui o Projeto Unialfas que atende estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, dentro deste projeto, existe o Projeto Multilinguagens/Artes à partir do segundo ano, onde se desenvolvem atividades interdisciplinares entre as áreas de teatro, música e artes visuais. Ou seja, os estudantes já desde o início de sua formação, possuem um espaço onde podem desenvolver suas habilidades sociais, cognitivas e criativas através do contato com diferentes expressões artísticas de maneira interdisciplinar.

Ao me deparar com esta prática, completamente inovadora dentro da minha vivência e ao mesmo tempo extremamente valiosa se pensarmos na importância do desenvolvimento da expressividade e criatividade na educação básica, vi nesta trajetória e nas possibilidades de discussão sobre o ensino de artes durante o ERE, um relevante e precioso caminho de pesquisa. A partir deste estudo de caso, pretendo potencializar ainda mais o debate do ensino das artes neste momento tão atípico da história da humanidade.

Nesta investigação, busco apresentar a construção e o funcionamento do projeto Multilinguagens/artes, identificar as estratégias pedagógicas desenvolvidas, desafios e soluções encontradas pelas professoras do projeto durante o período de ERE, discorrer sobre o processo de reorganização e reverberação das práticas de ensino realizadas pelas docentes entre os anos de 2020 e 2021 e refletir também sobre minha experiência enquanto bolsista de residência pedagógica em meio a este processo. Diante destas considerações, haverá um enfoque na construção de um trabalho que se desenvolve coletivamente, focado na autonomia e individualidade de cada estudante.

No primeiro capítulo deste trabalho, descrevo o funcionamento do Colégio de Aplicação da UFRGS, para que se compreenda melhor o espaço em que estamos inseridos dentro desta pesquisa. Para tanto, explico sua estrutura organizacional,

---

<sup>2</sup> DEM – Departamento de Expressão e Movimento do Colégio de Aplicação da UFRGS que compreende as áreas de Educação Física, Artes Visuais, Teatro, Dança e Música.

seus princípios e valores, os Programas e Projetos de Ensino da instituição, e discorro também sobre o Marco Referencial do Projeto Político Pedagógico e os princípios orientadores do Cap-UFRGS.

A geração de dados foi feita através de entrevistas com as professoras Mônica Torres Bonatto e Fernanda Bulegon Gassen, docentes de teatro e artes visuais, respectivamente, integrantes do projeto Multilinguagens/artes. Utilizo o livro “*A Entrevista Compreensiva: Um Guia Para Pesquisa de Campo*” Jean Claude-Kaufmann como um manual para orientação desta pesquisa, esta metodologia fornece estratégias para efetuar uma produção teórica a partir dos dados obtidos (CAVALCANTI, 2011, p.9) além de elevar o grau de importância da entrevista fornecendo respaldos para a construção de uma relação dialógica com as entrevistadas. (CAVALCANTI, 2011,p.9 ).

Outro propósito desta metodologia é que “o trabalho de campo deixa de ser abordado majoritariamente como uma instância de verificação da teoria para se tornar o *locus* de seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos dados”. (KAUFMANN, 2011, p.13) *grifo do autor*. Portanto a narrativa oral das entrevistadas serão de grande relevância para a construção analítica deste trabalho. Ademais, realizo um levantamento documental para melhor discorrer sobre as atividades desenvolvidas pelas professoras entre os anos de 2020 e 2021 e sobre o funcionamento da instituição em questão, além de efetuar uma pesquisa bibliográfica através de autores que versam sobre educação e ensino de teatro. Mais detalhes sobre os métodos de produção de dados desta pesquisa serão desenvolvidos no segundo capítulo deste trabalho.

No terceiro capítulo deste trabalho, trataremos sobre a trajetória docente das entrevistadas e após, no quarto capítulo discorreremos sobre o início do projeto Multilinguagem/artes no Colégio de Aplicação da UFRGS, além de apresentar etapas importantes de seu desenvolvimento. Diversas questões passíveis de reflexão surgem ao longo deste capítulo, a partir dos relatos trazidos pelas depoentes.

Com o início do distanciamento social, decorrente da Pandemia da covid-19, a instituição precisou se reestruturar e reorganizar suas formas de ensino, muitas dificuldades surgem neste momento, principalmente quando se refere ao ensino de

artes na escola, este momento de readequação do fazer pedagógico é melhor desenvolvido no quinto capítulo deste trabalho.

Em 2021, o Colégio de Aplicação da UFRGS passa a utilizar a plataforma de ensino Moodle, como ambiente virtual de aprendizagem. As atividades assíncronas passam a ser disponibilizadas neste espaço virtual que oferece diversos recursos digitais e acaba transformando o modo de desenvolver as práticas pedagógicas, discorreremos sobre esta nova etapa no projeto multilinguagem/artes no sexto capítulo desta pesquisa.

No sétimo capítulo, faço um relato pessoal da minha experiência enquanto bolsista de residência pedagógica, atuando no Colégio de Aplicação e acompanhando as turmas de anos iniciais durante a pandemia. Este foi um lugar de muito crescimento enquanto docente/pesquisadora, foi um espaço de compartilhamento de saberes, de imensas reflexões e aprendizado constante. Há neste capítulo também, o relato das docentes entrevistadas acerca da contribuição dos residentes no projeto.

Por fim, na última parte deste trabalho, faço uma reflexão sobre os caminhos trilhados ao longo desta pesquisa, e sobre os aprendizados que levarei a partir dela para minha trajetória docente.

## 1. SOBRE O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Este breve capítulo surge da necessidade de contextualizar aqueles que entram em contato com este trabalho, sobre o lugar onde ocorre esta investigação. Não pretendo aqui esmiuçar cada detalhe da estrutura organizacional do Cap-UFRGS - que é bastante complexa - mas fornecer aos leitores uma breve explanação do funcionamento e de algumas particularidades da instituição, para que através desta leitura se crie uma conexão e um melhor entendimento do espaço no qual estaremos inseridos nas próximas páginas deste trabalho.

O Colégio de Aplicação da Ufrgs (CAp-UFRGS) é uma unidade de educação básica vinculada e administrada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o mesmo integra uma rede de 17 CAPs que existem no Brasil, e que são vinculados a outras universidades federais, embora todos tenham o objetivo de fornecer um espaço de atuação para licenciandos, cada Colégio possui características e configurações muito diversas e especificidades que variam de uma instituição para outra.

O CAp-UFRGS tem como finalidade “desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas para a inovação pedagógica e para a formação docente.” (Brasil, 2013, p.9). Neste ambiente de experimentação, pesquisa, aprimoramento e desenvolvimento de práticas pedagógicas, estudantes dos cursos de licenciatura têm a oportunidade de investigar e refletir sobre os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e vivenciar efetivamente o cotidiano escolar, potencializando o seu desenvolvimento enquanto docente.

Através dos *Programas de Ensino* o colégio consegue atender estudantes de licenciatura dos mais diversos componentes curriculares, através de estágios supervisionados, monitorias e bolsas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Residência Pedagógica (RP) além de Formações Continuadas.

Os estudantes ingressam no colégio, localizado no Bairro Agronomia em Porto Alegre, através de sorteio público de ampla concorrência, previsto em edital, abrangendo assim estudantes das mais variadas regiões da cidade de Porto Alegre e também de outras cidades próximas como Guaíba, Alvorada e Viamão. No entanto, Até o ano de 2020 o sorteio não possuía nenhum tipo de política de cotas ou reserva de vagas, medidas extremamente importantes e necessárias diante de

um sistema de grande desigualdade social vista em nosso país, medida que de acordo com Molina (2020), por se tratar de uma instituição pública federal, seria mais coerente. Há de se pensar e lutar pela promoção da equidade na educação não só no CAp-UFRGS mas também em outros colégios de Aplicação no Brasil, que ainda hoje, realizam a seleção de estudantes através de provas, e que por conseguinte, acabam priorizando o acesso das elites a uma educação pública de qualidade. (Molina, 2020). Finalmente em 2021 o edital de ingresso do Colégio de Aplicação passou a contar com políticas de cotas a partir de quatro modalidades.

Quanto a administração do Colégio de Aplicação da UFRGS, este tem em certa medida uma similaridade com a da Universidade, além de uma atuação pautada sobre o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, o colégio possui uma grande estrutura interna formada por conselho da unidade, direção, setores, núcleos, comissões e departamentos. Para melhor compreensão desta grande estrutura, irei detalhar brevemente a organização das áreas do conhecimento que são alocadas nos seguintes departamentos:

“Departamento de Ciências Exatas e da Natureza: Composto pelas áreas de Física, Matemática, Biologia, Química, Informática e Educação Especial; Departamento de Comunicação: Composto pelas áreas de Língua Portuguesa e Literatura, Língua Alemã, Língua Espanhola, Língua Francesa e Língua Inglesa; Departamento de Humanidades: Compreende as áreas de Anos Iniciais, História, Geografia, Sociologia, Educação Especial e Filosofia; Departamento de Expressão e Movimento: Composto pelas áreas de Educação Física, Artes Visuais, Teatro, Dança e Música.” (Manual do Novato 2017-2020, p.8)

De acordo com o Regimento do Colégio de Aplicação (2005), a estrutura, organização e funcionamento dos departamentos são detalhados em regimes específicos e aprovados pelo Conselho da Unidade, cada departamento possui um representante, estes se reúnem esporadicamente para resolver questões administrativas referentes à instituição. Em função das especificidades didático-pedagógicas de cada departamento, os chefes de departamento podem também criar setores que contribuam para um melhor desenvolvimento das propostas de ensino, pesquisa e extensão. Estes representantes e seus substitutos são eleitos pelos docentes através de um Plenário do departamento especialmente convocado para este fim. (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2005, p.6)

O Colégio também é organizado através de **Projetos de Ensino**. São eles;

*“Unialfas* - Projeto de ensino que atende os anos iniciais do ensino fundamental, especificamente do 1º ao 5º ano; *Amora* - Projeto de ensino que atende os dois primeiros anos finais do ensino fundamental, especificamente o 6º e 7º ano; *Pixel* - Projeto de ensino que atende os dois últimos anos do ensino fundamental, especificamente o 8º e 9º ano; *Ensino Médio em Rede* - Projeto de ensino que atende os anos do ensino médio *EJA* - A educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS atende ensino fundamental e médio” (Manual do Novato 2017-2020, p.23)

Cada projeto possui uma equipe de trabalho que se reúne frequentemente para pensar as atividades pedagógicas e formas de avaliação dos estudantes. Para além dos componentes curriculares das áreas de conhecimento. Antes da pandemia diversas outras atividades eram disponibilizadas aos estudantes no contraturno contribuindo assim para um melhor desenvolvimento do aprendizado escolar na formação dos estudantes.

No Manual do Novato, documento disponibilizado para toda a comunidade escolar, quando da sua vinculação com a instituição, estão estabelecidos os valores que a instituição tem responsabilidade de manter em sua práticas, tais como excelência, inovação, respeito e ética, sempre amparadas pelos princípios orientadores do CAp, especificamente:

“valorizar a construção dos conhecimentos; valorizar os conhecimentos das diferentes áreas e componentes curriculares; promover a experimentação de diferentes artes, línguas e culturas; atender de forma qualificada às diferentes necessidades dos alunos; incentivar o comprometimento dos alunos com sua vida escolar; trabalhar de forma coletiva e integrada; estimular o espírito investigativo a partir da curiosidade dos estudantes; reconhecer e respeitar as diferenças; oferecer oportunidades para propostas inovadoras que contemplem a integração entre os componentes curriculares; oportunizar o acesso à inovação tecnológica; incentivar o desenvolvimento de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão; promover e favorecer a inclusão social; contribuir para a formação de cidadãos preparados para intervir de forma crítica, propositiva e afirmativa na sociedade; desenvolver ações pedagógicas que contemplem a iniciação científica e outras atividades em uma perspectiva interdisciplinar e integrada do conhecimento e fomentar a formação inicial e continuada de professores”. (Marco Referencial, 2016, p.4)

Desde o início da pandemia, diversos são os desafios que o corpo docente do colégio tem enfrentado para seguir realizando com êxito determinados princípios; trabalhar remotamente com os estudantes, carga horária de encontro síncrono reduzido, demandas diferentes do ensino presencial, etc... Como trabalhar de forma

coletiva e integrada quando os estudantes não se sentem à vontade para ligar a câmera durante as aulas síncronas? Essa e outras questões variam de turma para turma, de uma etapa de ensino para outra, de uma instituição para outra, mas de uma maneira geral, toda a comunidade escolar precisou de certa forma se adaptar a este momento buscando minimizar os impactos sofridos na educação durante o ensino remoto emergencial.

Vamos agora estreitar o nosso olhar para o Projeto Unialfas, que trabalha com um foco importante na iniciação científica, e como mencionado anteriormente os estudantes já desde as etapas iniciais de aprendizagem, desenvolvem suas potencialidades criativas nas áreas de teatro, música e artes visuais. Antes da pandemia os estudantes ainda tinham oferta de diversas oficinas nas quais podiam decidir quais lhes era mais atraente, ou seja, os alunos tinham também a oportunidade de enriquecer sua formação e de desenvolver autonomia sobre o próprio currículo em áreas de interesse individual.

Dentro do Projeto Unialfas, - além de outras atividades - existe o Projeto Multilinguagens/Línguas Estrangeiras que é oferecido pelos professores de comunicação (Língua Inglesa e Língua Espanhola), e o Projeto **Multilinguagens/Artes** - é importante compreendermos a dinâmica deste bloco pois ele terá uma importância significativa dentro deste trabalho.

O bloco multilinguagens-Artes é oferecido pelas professoras de Teatro, Artes Visuais e Música que atuam de forma interdisciplinar com estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Este bloco busca propiciar o contato dos estudantes com diferentes expressões culturais e artísticas, os alunos contam com atividades de apreciação, exploração e composição artísticas. Cada área trabalha suas especificidades de modo interdisciplinar, mas tendo como base um tema disparador em comum. Este modelo de organização surge da necessidade das professoras de desenvolver um trabalho que promova o protagonismo da criança nas suas formas de expressão, onde os estudantes possam compreender noções, ideias, conceitos e questionamentos a partir de diferentes pontos de vista.

Referente a estrutura física do CAP-UFRGS, para abrigar o ensino das diferentes manifestações artísticas, o colégio possui uma ampla sala para as aulas de Teatro, além de contar com equipamentos básicos de iluminação, acervo de figurinos e biblioteca com obras teatrais.(Molina p.22 2020). Além de obter três salas

de laboratório de artes visuais, e outras três destinadas ao estudo de música e multimídias.

É incontestável a importância de espaços como estes dentro de uma instituição de ensino, segundo Carvalho:

“O espaço físico pode contribuir para que se fortaleça a produção, a dinamização, a interação, a diversidade metodológica que promova a formação estética e artística dos/as estudantes. Interagir é, portanto, essencial para o/a aluno/a vivenciar, experimentar, refletir e expressar-se criativamente, tanto dentro quanto fora da sala de aula.[...]Daí a relevância de se pensar os espaços escolares, para que se constituam lugares diferenciados para a aprendizagem.” (CARVALHO, 2014 p. 73)

No entanto, é raro encontrar, nas condições atuais do país, instituições de ensino públicas que sejam bem amparadas estruturalmente, que buscam oferecer ensino de diferentes manifestações artísticas e que estimulem a construção de um pensamento crítico, questionador e criativo ao estudante.

Com o advento da pandemia e da necessidade de manter distanciamento social, este espaço de ensino e aprendizagem se tornou virtual, as aulas passaram a acontecer com auxílio de tecnologias digitais. Para dar continuidade ao trabalho, o corpo docente da instituição precisou repensar o fazer pedagógico, primeiramente através da criação de Estudos Dirigidos, e após, através da utilização da plataforma Moodle. Logo menos, iremos investigar mais de perto, as questões relativas ao ensino das manifestações artísticas com estudantes dos anos iniciais e refletir sobre o fazer pedagógico realizado em meio a este contexto.

## 2. METODOLOGIA DA ENTREVISTA COMPREENSIVA

Buscando ter um amparo metodológico para realizar esta pesquisa, vi na metodologia da entrevista compreensiva de Jean Claude-Kaufman, um relevante suporte para me auxiliar nesta jornada. Desde as primeiras reflexões relativas à ideia de pesquisa para este trabalho, já cogitava utilizar a narrativa oral de professoras entrevistadas como fonte investigação e reflexão. Foi quando entrei em contato com o livro *Metodologia Compreensiva: um guia para a pesquisa de campo* e pude compreender a metodologia criada pelo autor, que propõe uma técnica para conduzir entrevistas e coletar os dados da pesquisa visando a produção teórica a partir de um diálogo horizontal, empático e atento com as entrevistadas.

O autor sugere “inverter o modo de construir um objeto de pesquisa, estreitar os horizontes entre entrevistador e entrevistado, negando a impessoalidade na situação da entrevista” (Cavalcanti, 2011, p,11) Essa impessoalidade é evidenciada quando (Kaufmann, 2011, p.30), sugere que o entrevistador esteja intensamente envolvido nas questões, de maneira que provoque o envolvimento do entrevistado, e que, durante a análise de conteúdo, a interpretação do material, não seja evitada, pelo contrário, se estabeleça como elemento decisivo na investigação. (Kaufmann, 2011,p.30).

Neste manual, o autor “procura criticar o academicismo, fugir de qualquer pretensão normativa [...] e explorar a flexibilidade e a inventividade das quais carece toda e qualquer pesquisa” (Oliveira, 2015,p.992). Utilizar esta metodologia de pesquisa é extremamente desafiador, não só pela complexidade dela, mas do próprio exercício de “desacademizar” a minha escrita. Não creio que consegui colocar em prática tudo o que foi explicitado no manual, também não fiz deste meu maior objetivo, utilizei esta metodologia como um mapa norteador, para os momentos que eu que eu estivesse me perdendo, que eu não soubesse para onde ir, e neste sentido, ele contribuiu significativamente.

Há de se ter uma preparação que antecede o ato da entrevista. O autor recomenda que a pesquisadora realize previamente uma sequência contendo as perguntas que irá realizar, acrescenta também que esta grande de questões

“[...] é um simples guia para fazer os informantes falarem em torno de um tema, sendo que seu ideal é o de estabelecer uma dinâmica de conversação mais rica do que a simples resposta às perguntas, evitando

que se fuja do tema e, de certa forma, se esqueça da grade.” (KAUFMANN, 2011 p. 53)

Compreendo a indicação “esquecer da grade” no sentido de não se prender às questões pensadas previamente, de estar aberta enquanto ouvinte às outras informações que fossem surgindo durante a conversa, e busquei ter isso em mente na realização das entrevistas. O autor ainda complementa que é necessário que esta grade de questões tenha sido anteriormente “redigida com atenção, totalmente assimilada e praticamente decorada” (Kaufmann, 2011,p.54)

Partindo desta indicação, comecei a pensar quais questões eu gostaria de levar às entrevistadas, pensei em todos os objetivos deste trabalho, e o que eu gostaria de descobrir com ele, a partir destas considerações realizei uma grade com algumas perguntas. As mesmas se encontram logo abaixo:

- 1. Conte um pouco de sua trajetória até chegar ao Colégio de Aplicação*
- 2. O que é o projeto multilinguagens e como é o ensino de artes dentro deste projeto? Como foi este processo de construção deste sistema até chegar onde vocês estão agora?*
- 3. Como ocorre a negociação e o planejamento das aulas entre vocês?*
- 4. Como foi essa adaptação inicial do projeto para o contexto do Ensino Remoto Emergencial?*
- 5. Como foi a migração para a plataforma Moodle e o que mudou na construção das atividades?*
- 6. Como foi a reverberação das atividades entre 2020 e 2021? O que pra você é uma atividade bem sucedida neste contexto do Ensino Remoto Emergencial?*
- 7. Como foi para você a contribuição dos bolsistas do programa de Residência Pedagógica no planejamento e execução das atividades das aulas?*

Durante a elaboração das questões, pensei em classificá-las e executá-las no ato da entrevista, seguindo a ordem numérica estabelecida acima. Porém, conforme a conversa ia se desenvolvendo algumas respostas iam se desdobrando em outros assuntos e acabavam indo ao encontro de questões as quais eu ainda não havia realizado, momento no qual eu encaixava a questão - que não necessariamente estava pensada para ser a próxima - e aprofundava melhor o assunto já iniciado.

Sendo assim, as depoentes iam ditando inconscientemente a ordem das questões durante a entrevista.

Por ter tido a experiência de conhecer o funcionamento do colégio mesmo de forma remota e estar familiarizada de certa forma com a instituição, percebi neste espaço muitas possibilidades de investigação. O ensino das diferentes manifestações artísticas está presente em todas as etapas de ensino do colégio, de inúmeras formas, mas escolhi pesquisar o ensino das artes nos anos iniciais, visto que, percebi neste espaço, um caminho muito significativo para pesquisa e reflexão. Mesmo em minha curta experiência enquanto pesquisadora e estudante de licenciatura, pude perceber o quanto ministrar aulas para crianças pequenas é complexo e desafiador e se torna mais ainda se pensarmos nos obstáculos de uma comunicação estabelecida a distância, com crianças, através de uma tela de computador ou celular.

Além disso, em razão de ser integrante da bolsa de Residência Pedagógica e de estar observando o retorno dos estudantes do Colégio de Aplicação desde o final do ano de 2020, já possuía uma convivência mais próxima com a professora Mônica Torres Bonatto, nossa preceptora do CAP, no subprojeto Artes, e professora de teatro do projeto de ensino Unialfas. Uma profissional admirável, extremamente dedicada e afetuosa com todos que estão à sua volta. Sua empatia, generosidade e seu entusiasmo ao compartilhar os conhecimentos e vivências com o próximo é inspirador. Então, acredito que também fui influenciada em seguir a pesquisa no Multilinguagens/artes do projeto Unialfas, por ter este contato mais próximo com a professora Mônica, pois sabia que teria a oportunidade de aprender muito mais com sua experiência.

Além disso, sabia da existência de outras duas professoras incríveis que faziam um trabalho interdisciplinar juntamente com a professora Mônica neste projeto, Fernanda Bulegon Gassen, professora de Artes Visuais, e Juliana Pedrini, professora de música.

Logo, busquei entrar em contato com as professoras e convidá-las a participar desta pesquisa compartilhando seus saberes por meio de uma entrevista. Assim que tive o retorno positivo das professoras Mônica Bonatto e Fernanda Gassen, marcamos as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada uma. Infelizmente, não consegui retorno da professora Juliana Pedrini, independentemente do motivo, é de minha parte, extremamente compreensível, e

ao mesmo tempo uma pena não poder compartilhar seus conhecimentos nesta pesquisa.

Os encontros com as professoras Mônica e Fernanda, aconteceram através do aplicativo de chamadas de vídeo Google Meet e Zoom respectivamente. No Google Meet a professora conseguiu gravar a entrevista e me enviar posteriormente, no Zoom, utilizei o notebook para realizar a entrevista e usei o gravador do celular para registrar as falas da professora Fernanda, fato que deu um pouco mais de trabalho pois quando a internet falhava, acabava perdendo uma ou outra palavra que tinha sido dita, e nem sempre eu pedia para que a depoente repetir, pois não queria comprometer a fluidez da conversa, a não ser que a falha prejudicasse o meu entendimento sobre o que estava sendo dito.

Sobre a prática da entrevista compreensiva por meio da internet, Kaufmann afirma que

“ É possível notar que uma parte dos usos da internet pode ser considerada como uma simples adaptação da situação de entrevista a um novo contexto. O diálogos à distância por intermédio de uma webcam por exemplo. Mas também de forma mais abrangente, perguntas/respostas formuladas no teclado (chat, e-mail, etc). [...] para todas essas novas formas de troca convencional, o fundamental do que é dito neste manual permanece aplicável. (KAUFMANN, 2011, p.18)

Pode ser que esta citação seja um pouco datada, visto que hoje em dia, no contexto em que estamos inseridos, a maior parte das relações interpessoais se estabelecem com o auxílio da internet, mas é compreensível quando se percebe que, a edição do manual de Kaufmann data de 2011, nesta época, o autor já afirmava que novas atualizações sobre perspectivas de se conduzir uma entrevista seriam necessárias com o passar do tempo.

Concluídas as entrevistas, iniciei a transcrição das mesmas, foi um processo apressado, uma escolha minha, pois meu objetivo era poder visualizar o mais rápido possível as falas das informantes, por meio da escrita, para poder iniciar de fato a análise de suas respostas, me aprofundar nas palavras ditas, refletir sobre as situações relatadas.

É importante salientar, que não pretendo a partir desta pesquisa, generalizar o ensino de artes ou as problemáticas ocorridas durante o Ensino Remoto Emergencial, visto que cada instituição desenvolveu o seu próprio jeito de lidar com o fazer pedagógico no contexto da pandemia. Algumas problemáticas, suponho, são mais semelhantes, tal como o fato inevitável de terem que depender de plataformas

digitais, todavia, cada instituição e cada docente lidou de uma forma diferente com essa nova realidade. Para (Kaufmann, 2011, p.41) “Os métodos qualitativos têm como função compreender mais do que descrever sistematicamente ou medir.” O interesse aqui, está primeiramente, em apresentar este modo de ensino valioso que se desenvolve no bloco Multilinguagens

/artes dentro do projeto de ensino Unialfas, compreender sua construção e em seguida refletir sobre a experiência deste fazer pedagógico no contexto da pandemia.

É de importância também, evidenciar o quanto é importante o estudante ter acesso às diversas manifestações artísticas desde o início da sua formação, do quanto esta ação é revolucionária e necessária para a construção de um sujeito crítico, criativo, autônomo, questionador e ético.

Gostaria de agradecer imensamente a disponibilidade de cada uma das professoras entrevistadas, sem suas sinceras contribuições, este trabalho não seria possível. O trabalho destas docentes é admirável e é uma honra poder compartilhar um recorte da trajetória de cada uma e de refletir sobre suas experiências, sobremaneira neste momento tão delicado de distanciamento social. Cuidadosamente, selecionei alguns trechos de seus relatos para fins de reflexão e construção de conhecimento teórico.

### 3. TRAJETÓRIAS

Somos constituídos por nossas memórias, vivências, pelos lugares por onde passamos e pelas relações de afeto que estabelecemos com os outros. Cada caminho percorrido, cada escolha e experiências decorrentes destas, constituem nossa identidade.

Gostaria de começar este capítulo fazendo uma reflexão acerca da importância de reconhecermos o valor da nossa trajetória pessoal, de nossas vivências, de olharmos com ternura para nossas experiências e reconhecermos o nosso valor enquanto indivíduos detentores de um conhecimento único que se estabelece a partir das nossas práticas.

Posto isso, começamos agora nossa jornada de reflexões a partir das vivências pedagógicas das professoras Mônica Bonatto e Fernanda Gassen.

#### 3.1 VIVÊNCIAS DOCENTES - MÔNICA TORRES BONATTO

A primeira entrevista ocorreu com a professora Mônica, dia 30 de agosto de 2021, em uma segunda-feira às 14h da tarde, através de videochamada na plataforma Google Meet. Iniciei agradecendo sua presença e enfatizando a grande contribuição de seus relatos para esta pesquisa.

Para começar, pedi que ela me contasse um pouco de sua trajetória docente de modo que sua narrativa iniciasse desde o seu processo de formação até o momento presente.

Mônica comenta que iniciou sua formação em teatro no Departamento de Arte Dramática da UFRGS em 1994 e que durante o curso teve poucas vivências práticas de sala de aula, seu primeiro contato efetivo em escola foi através do projeto *Espaço Mágico*, realizado na antiga creche da UFRGS chamada *Francesca Zacaro* em conjunto com a professora Vera Lúcia Bertoni e as professoras regentes. Completou sua formação no DAD em 1999 e após, foi para a cidade de Esteio (RS), onde trabalhou durante um semestre como professora contratada. Em 2000 após fazer um concurso, foi chamada para atuar junto ao *Instituto de Educação General Flores da Cunha* (IE) e na escola particular de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental *Projeto*, instituição que tinha um destaque muito grande para a arte em seu projeto pedagógico. Sendo a única professora de teatro da escola,

dando aula para todas as séries dos anos iniciais a partir de um contato muito próximo com as professoras regentes, Mônica relata que este foi um espaço de formação muito importante:

*“Pude entender que professora eu era, consegui ter uma dimensão do impacto da minha atuação junto aos estudantes, discutir aprendizagem, os caminhos de aprendizagem dos estudantes para além do teatro. Tínhamos conselhos de classe que eram verdadeiras aulas, a gente falava de aluno por aluno e buscava entender ele globalmente, foi super importante. Fico 10 anos lá, tem um amadurecimento da minha figura docente, inclusive o meu mestrado eu fiz sobre um trabalho desenvolvido na Projeto e é uma escola pela qual tenho muito carinho.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal<sup>3</sup>)*

É interessante aqui pensar, o quão potente pode se tornar a prática de ensino, quando se busca compreender e respeitar a individualidade de cada aluno, não só quando se trata do ensino de teatro mas também nas outras as áreas do conhecimento. Cada estudante tem seu próprio ritmo no processo de aprendizagem. O que eu percebia em minha formação, durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio principalmente, era uma corrida de professores para conseguirem avançar nos “conteúdos” no objetivo de concluir o currículo do ano no tempo previsto. Nem todos os estudantes conseguiam aprender no tempo estabelecido e isso acabava gerando uma bola de neve, prejudicando o processo de aprendizagem. Compreendo que exista um plano pedagógico, que precisa ser seguido, que precisa ser concluído, mas precisamos ter, enquanto professores-educadores um olhar muito cuidadoso e empático com o tempo de aprendizagem de cada estudante e desenvolver estratégias que visem a compreensão e evolução da aprendizagem respeitando o tempo de cada indivíduo.

Seguindo sua narrativa, a entrevistada comenta que quando chegou no Instituto de Educação, encontrou uma realidade oposta do que ela até então, tinha vivido, no sentido de ser uma escola muito grande, que oferecia aulas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com aulas nos três turnos, possuía outros professores de educação artística, para além do teatro. Ela conta também que a escola *“tinha uma sala de teatro maravilhosa, um espaço incrível” (BONATTO, 2021)*, uma raridade nas escolas públicas. Um dos grandes desafios dos docentes

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Mônica Torres Bonatto. [Set. 2021] Entrevistadora: Jennifer Ribeiro. Porto Alegre, 2021. A entrevista encontra-se transcrita no Anexo II desta monografia.

de teatro é de terem um espaço próprio que atenda as necessidades desta prática de ensino. O edifício-sede da escola foi fechado em 2016, para restauro e reformas, mas as obras foram paralisadas em setembro de 2019. Atualmente o Governo do Estado pretende implantar no prédio um projeto administrado por empresa privada, iniciativa autoritária tomada sem a participação da comunidade escolar.

Durante este período em que atuava no IE e na Projeto, fez especialização, mestrado e entra no CAp-UFRGS durante o doutorado:

*“[...]...então eu chego no CAp já tendo vivido uma série de coisas, mas ainda sem essa experiência tão intensa de troca entre professores de teatro que é o que eu sempre digo que foi o grande impacto da minha entrada no Colégio de Aplicação.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Este impacto no qual se refere, se dá pela grande negociação dos processos de ensino de teatro no CAp “[...] a concepção de jogo, o entendimento de jogo dramático, teatral, de currículo, de evolução e continuidade, tudo era ultra negociado, porque cada uma trazia um jeito de olhar” ressalta Mônica. Ao seu ver, a dificuldade de se chegar a um consenso se devia às diferentes gerações e aos diferentes lugares de formação dos professores que atuavam no CAp na época. “Foi um choque absoluto pra mim, demorei para me adaptar. Nesse processo de negociação, fiquei me questionando: no que eu acredito? o que eu faço? quem eu sou aqui dentro?” relata.

Ela conta que levou um tempo para se adaptar a esta nova realidade, mas que a desconstrução de entendimentos que já estavam estabelecidos, foi algo extremamente importante em seu desenvolvimento profissional, pois fez com que ela cultivasse um olhar atento para o novo, e faz com que até hoje ela esteja sempre disposta a ouvir, abraçar e contribuir com as ideias de novos colaboradores que chegam ao CAp. Por um bom tempo, deu aula em várias etapas de ensino antes de começar o trabalho com as séries iniciais no CAp em 2018.

### 3.2 VIVÊNCIAS DOCENTES - FERNANDA GASSEN

Foi na tarde de quarta-feira do dia 1 de setembro que tive o grande prazer de realizar a segunda entrevista deste trabalho com a professora de Artes Visuais, Fernanda Gassen. Ela me recebeu pelo aplicativo de videochamadas Zoom-Meetings. Assim como na primeira entrevista, agradei imensamente sua disponibilidade e a oportunidade de poder entrevistá-la. Pedi que ela também comentasse sobre sua formação antes e após chegar ao CAp.

Entre os anos 2000 e 2006 Fernanda cursou graduação em Desenho e Plástica - bacharelado e licenciatura - na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), entre 2005 e 2006 fez especialização na UFSM e entra em 2008 no mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2010 conclui o mestrado e logo em seguida inicia seus estudos no Doutorado em Artes Visuais também pela UFRGS. Sobre sua experiência em sala de aula, ela relata que o Colégio de Aplicação foi sua maior escola:

*“eu trabalhei em Sapucaia do Sul, em uma escola municipal de educação básica chamada Santos Dumont, eu fiquei trabalhando por um período lá até entrar no mestrado [...] Eu trabalhei também em uma escola que era EJA a noite, mas foi uma experiência muito rápida, de mais ou menos um mês. Eu estava no meio do doutorado quando fiz concurso em 2011 e em 2013 eu fui chamada, no colégio de aplicação. Terminei meu doutorado já dando aula no CAp, mas não tive uma trajetória muito grande de ensino antes do colégio, a minha escola foi o Colégio de Aplicação mesmo. (GASSEN,2021) (Informação Verbal<sup>4</sup>)*

No CAp iniciou um projeto juntamente com a professora de música Juliana Pedrini e com as professoras das áreas de línguas estrangeiras em parceria com as professoras polivalentes. Neste projeto, trabalharam de forma interdisciplinar com duas turmas de terceiro ano, a partir de um tema gerador. Ela comenta o quanto foi interessante desenvolver o trabalho e que foi a partir deste momento, de parcerias e de trabalho coletivo, que surgiu a ideia do que mais tarde viria a ser o Multilinguagens/artes.

*“[...] Então a gente trabalhava o mesmo assunto nas nossas áreas, fizemos a finalização do projeto, os estudantes apresentaram coisas, fizeram*

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Fernanda Bulegon Gassen. [Set. 2021] Entrevistadora: Jennifer Ribeiro. Porto Alegre, 2021. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

*exposição, foi muito legal este trabalho. A gente entendeu que ali as crianças tinham criado um repertório diferente, tendo esse assunto em que todo mundo ia orbitando. O entendimento do que a gente estava falando, dos conceitos que a gente estava trabalhando foi maior porque as crianças estavam vendo aquele assunto com várias perspectivas” (GASSEN,2021) (Informação Verbal)*

Ela comenta, que inicialmente não havia o componente Teatro no currículo dos anos iniciais, apenas Artes Visuais e Música.

#### 4. PRIMEIROS PASSOS DO MULTILINGUAGEM/ARTES

Identifica-se então que, anteriormente ao início do Projeto Multilinguagens, a relação interdisciplinar acontecia através das áreas de música, artes visuais, inglês e espanhol, a área de teatro ainda não se fazia presente no projeto. Durante algum tempo o projeto se desenvolveu desta forma até o ano de 2018, momento em que as áreas de inglês e espanhol se juntam unicamente e formam o bloco Multilinguagem/Línguas Estrangeiras, e área de teatro é incluída nas séries iniciais e passa a fazer parte do então bloco Multilinguagem/Artes.

Bonato, que entra no multilinguagem/artes em 2018, faz uma contribuição passível de atenção à respeito desta etapa que antecede sua chegada:

*“ Quando eu cheguei lá eu tinha um relato, de que a interdisciplinaridade com as áreas das línguas estrangeiras nem sempre era algo tranquilo de desenvolver, porque a visão de que o teatro entra como acessório, ela está tão imbricada na concepção pedagógica das pessoas que era muito difícil a negociação e a construção de projetos em que de fato o foco fosse os conhecimentos em artes, então sobrava pouco espaço para trabalhar nossos objetivos, nossas atividades, nossas características, o teatro entrava sempre como um acessório.” (Bonato, 2021) (Informação verbal)*

Partindo deste relato, podemos considerar que a arte não é estática, e que ela possui relação com diversas áreas do saber (Caldas, Holdzer, Popi. 2017 p.165), portanto é necessário que se desconstrua cada vez mais - não só na visão de docentes de outras áreas mas também de coordenadores, diretores e pais - esta concepção do ensino do teatro como uma área que está a serviço de outras, como se fosse uma escada para o aprendizado de outros componentes curriculares, ou então para meramente exhibir os estudantes em apresentações de final de ano. Estas visões equivocadas sobre o teatro na escola muitas vezes podem gerar um desestímulo do estudante por este não ter a uma boa experiência nos processos de criação e experimentação teatral. Ferreira (2012) reconhece que

*“Isso acaba por acarretar uma visão equivocada da função da arte e do ensino de teatro, desvalorizando tanto processos criativos como o espaço de expressão das crianças, calçando esses eventos no exibicionismo e na espetacularização vazia de sentidos estéticos e de experiências. E, muitas vezes, pais e professores são coniventes com essas situações, justamente por desconhecerem o potencial e as funções da arte na vida e nas relações de ensino aprendizagem na formação de seus filhos.” (FERREIRA. 2021, p.1)*

Cada área do conhecimento possui suas noções, especificidades e saberes específicos que precisam ser desenvolvidos em sua totalidade. O teatro pode ser um grande potencializador do processo de aprendizagem dos estudantes, estimulando a capacidade cognitiva, trabalhando a expressividade, expressão corporal, oralidade, auto-estima, cooperatividade, escuta, atenção, foco concentração, mas acima de tudo, trabalha *noções teatrais*, e estas noções precisam ser “praticadas, tornadas corpo, e é na prática que elas são experienciadas”. (ICLE, 2011, 75).

O objetivo de criar um sistema de horários que beneficiasse o melhor aproveitamento das atividades em aula também foi razão que despertou para o início do projeto. Gassen comenta que elas precisavam pensar em uma maneira de organizar os horários das aulas, de forma que tanto as professoras especializadas quanto as polivalentes tivessem um tempo mais qualificado com as crianças.

*“[...] Antes era um horário todo picado, a gente faz um dia só de Multi, então as polivalentes ficam com dias mais inteiros de atividades com eles, elas conseguiram se dedicar mais, e nós também, mas o nosso mote foi mesmo quando a gente entendeu que as crianças conseguiram se apropriar mais das coisas que a gente estava falando quando estávamos todas nós no mesmo barco[...]” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

Este olhar mais atencioso e preocupado com a divisão de horários possibilitou que os estudantes, do segundo ao quinto ano, que tinham cinco manhãs por semana de estudos, desfrutassem de uma manhã inteira dedicada exclusivamente para as áreas de artes (três períodos) e de línguas estrangeiras (dois períodos). Seguindo esta organização, que se estabeleceu até o início da pandemia, as professoras conseguiram desenvolver melhor seus trabalhos, utilizar o tempo de uma forma mais proveitosa, e os estudantes conseguiam aprofundar as experiências sensoriais, de exploração e experimentação pois tinham mais tempo para desenvolver e investigar o que estava sendo proposto.

Após o entendimento das docentes de que a construção de atividades em torno de um conceito ou de um artista possibilitava inúmeros desdobramentos positivos no processo de ensino-aprendizagem. Uma das atividades destacada pelas duas informantes - surge a partir da figura e do trabalho de Hélio Oiticica. Abaixo apresento o relato de Fernanda Gassen sobre as atividades realizadas a partir do trabalho deste artista.

*“...] Teve trabalhos que a gente usou muito o espaço da escola. A gente fez um projeto a partir do Hélio Oiticica que foi sensacional, porque eles transformaram as obras geométricas dele em partitura, depois a Ju criou umas partituras e eles transformaram elas em dança, em coreografia e a gente fez uns túneis no pátio, eles criaram obras penetráveis como as do Hélio nos corredores, a gente fez gravação, teve uma atividade da Mônica que eles andavam pelo colégio todo debaixo de tecidos, passando pelos corredores, foram experiências muito interessantes, pra justamente sair desse espaço mais formal da sala, porque o nosso projeto, ele tem essa característica, a gente vai onde tem que ir, onde o projeto manda.” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

Mônica Bonatto também relata sobre as atividades realizadas à partir do trabalho de Hélio Oiticica:

*“[...] como ele tem um trabalho com arte relacional, ele nos possibilita fazer um olhar bem abrangente pro campo das artes a partir de sua obra a experiência de viver a escola de um outro jeito, explorar o espaço da escola, com ações relacionadas aos procedimentos artísticos daquela pessoa que a gente tava estudando, ou daquele movimento, [...] foi interessante pq do Hélio a gente acabou indo para um universo da música que chegava numa música mais conceitual, chegamos a trabalhar com obras de cinema, que tinham trilhas que se relacionavam com o movimento, enfim.. foi bem lindo, a gente Esse trabalho gerou uma publicação em parceria com o professor Gilberto Icle” (Bonatto, 2021) (Informação verbal)*

A exploração dos espaços escolares pelas turmas é relatada pelas duas depoentes, há de se reconhecer a virtude desta prática que é tão escassa nas escolas do país, segundo FERREIRA (2012):

*“o mais comum nas salas de aula é encontrarmos crianças sentadas durante tardes ou manhãs inteiras, com alguns momentos de distração/diversão proporcionados pelos 20 minutos do recreio ou pelas aulas semanais de educação física, quando essas existem”. (FERREIRA, 2012, p.10)*

Raros são os professores que se aventuram a subverter esta convenção. Pois é muito mais fácil controlar e vigiar os educandos, quando se encontram sentados em classes, organizados em fileiras, de preferência, em silêncio.

Podemos pensar nesta, como uma medida de disciplinarização e de controle dos corpos. Segundo FOUCAULT

*“A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (FOUCAULT, 2010, p. 106).*

A disciplina é um tipo de poder que torna os indivíduos meros objetos e, ao mesmo tempo, instrumentos do seu próprio exercício (Furlan, Peri, 2011). Com relação ao poder disciplinar, Foucault indica o corpo como objeto e alvo de poder, o controle sobre os corpos e sobre os modos de vida dos indivíduos, de maneira sutil, possibilita o funcionamento de determinados sistemas e instituições que se beneficiam com indivíduos dóceis, submissos, produtivos e controlados. (Foucault, 2010).

Neste tipo de sistema, toda e qualquer ação que subverta este tipo de organização, acaba sendo visto como algo ameaçador. Por que ameaça abalar justamente com este tipo de estrutura, que está a serviço de instituições políticas e econômicas. Para Furlan, Peri:

“A docilização dos corpos pela disciplina visa tornar as pessoas “boazinhas”, sem lhes dar um espaço de reflexão acerca de sua posição na sociedade ou no mundo. Contestar, principalmente contra o sistema, não é permitido, pois vive-se uma falsa liberdade, já que se está envolvido em um sistema que busca cada vez mais alunos, e posteriormente, trabalhadores que ajam de forma mecanicista” (FURLAN, PERI, 2011, p. 2395)

Considerando que o ensino de teatro nas escolas, pretende além de outras coisas, incentivar a liberdade de expressão e o pensamento crítico do educando, exercitar sua autonomia, fornecer subsídios para que ele desenvolva suas potencialidades, estimular o educando a conhecer o mundo e a si mesmo de diferentes aspectos, a refletir e questionar sobre o que ocorre ao seu redor, a desenvolver sua criatividade, expressividade, sensibilidade, sensorialidade, estimular o auto-cuidado e o conhecimento sobre seu próprio corpo.etc... Ou seja, tudo o que este sistema de disciplinarização de corpos desadora. Há na atividade teatral, algo de transgressor, uma alternativa à disciplina (ICLE, 2011). Portanto, não é tão difícil compreender porque o ensino de teatro é cada dia mais desvalorizado no nosso país, porque inúmeros espaços culturais fecham as portas todos os anos, e é cada vez mais escasso o investimento para a cultura.

E é por isto que este projeto, o Multilinguagem/artes, é de uma potência e de uma resistência muito significativa, principalmente no contexto atual, em que estamos inseridos.

#### 4.1 COLETIVIDADE E ESCUTA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO

Outro ponto de destaque sobre a concepção do projeto, é sobre o processo de avaliação Multilinguagens/Artes, que desde o começo foi se aprimorando em seus formatos a partir da contribuição dos estudantes:

*“O Multi tem uma característica que foi assim, eles foram avaliando o projeto ao final de cada ano desde o início, com os alunos, e eles foram mudando o formato. No CAp a gente tem o hábito de fazer assembleias de turma, onde se conversa sobre temas que são importantes pra turma “ (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Percebe-se aqui, a valorização das opiniões dos estudantes que se colocam à disposição para lançarem seus pontos de vista sobre as configurações de ensino propostas. No momento em que docentes param e escutam o educando sobre os processos de ensino-aprendizagem até então estabelecidos, eles oportunizam o exercício de desenvolverem suas opiniões de forma argumentativa, de compreenderem o sentido de fazer uma crítica construtiva, ao mesmo tempo em que aperfeiçoam os processos de ensino-aprendizagem de forma coletiva e integrada.

Este momento de diálogo coletivo acerca do formato das atividades e da construção e reformulação do projeto, permite que ocorra uma quebra na verticalidade das relações entre professor e aluno, para FREIRE (2011), é *a partir da escuta* que aprendemos a falar com os estudantes, “somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala *com* ele, mesmo que, em certas condições, precise falar *a ele*. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*” (Freire, 2011 p.111).

A partir destas conversas, também é possível promover a socialização entre os estudantes, estes desenvolvem através destas assembleias o exercício da comunicação e da escuta, onde eles podem notar que suas manifestações são valorizadas e que podem decidir em conjunto e democraticamente os próximos caminhos a serem traçados pela turma.

No início do projeto as assembleias ocorriam com mais frequência, no entanto, Gasen afirma que até hoje o desenvolvimento dos exercícios muitas vezes vão sendo moldados de acordo com o que os estudantes levam para os encontros.

“Até agora no remoto, de vez em quando a gente tem uma aula de encontros síncronos, e chegam coisas que partem das crianças. Está um pouco mais complicado agora, mas um dos princípios do projeto é que as crianças vão dando um pouco a direção do que a gente vai fazer, a gente larga uma sementinha e eles vão construindo junto.” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)

Portanto, é evidente a preocupação das docentes para que haja uma participação efetiva do estudante na construção de seu próprio conhecimento e aprendizado, fato que vai ao encontro com o que Freire (2011) aponta em seu livro *“Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa”*, quando comenta que não se transfere conhecimento, e sim, se criam possibilidades para sua produção ou sua construção. Esta construção se fortalece com “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando”. (Freire, 2011 p.12).

#### 4.2 ÚLTIMAS ATIVIDADES ANTES DA PANDEMIA

As últimas atividades desenvolvidas com os estudantes antes da pandemia, foram pensadas a partir dos trabalhos de Angélica Dass, artista visual, criadora do projeto *Humanae*, onde uma extensa coleção de retratos apresentam a grande diversidade das cores humanas, e Lia de Itamaracá, dançarina, compositora e cirandeira, reconhecida como Patrimônio Cultural de Pernambuco que difundiu a cultura popular pernambucana pelo mundo através de seu trabalho. A respeito destas escolhas, Bonatto faz um relato sobre os objetivos das práticas propostas e das escolhas das artistas mencionadas:

*“A gente se deu conta que essa discussão parece óbvia em outros espaços mas na escola chega devagar. A discussão sobre o currículo, sobre as referências que a gente leva, sobre a necessidade de decolonizar este currículo. Percebemos o quanto nossas referências eram brancas, elitizadas [...] nesse caminho através da Lia, a nossa busca foi por entender o papel da dança nas sociedades tradicionais, a ciranda, o jongo, o bumba meu boi, o que tem de teatral ali, como a estética disso se reflete e pode ser olhada através das artes visuais.”* (BONATTO, 2021)(Informação Verbal)

Bonatto comenta que esta discussão demorou para chegar à sua concepção de ensino, acredito que isto se deve justamente, por esta ausência de discussão à respeito da decolonização do currículo, tanto na formação escolar como também na

graduação, onde uma ou outra cadeira tratam do tema, mas se analisarmos individualmente, perceberemos ainda uma grande valorização de intelectuais europeus, brancos e elitizados nos currículos.

Considerando que os currículos escolares são pautados a partir “do ponto de vista hegemônico, branco, masculino e segundo a lógica do agente colonizador” (ALCÂNTARA, MACHADO, 2020) é fundamental que docentes de toda e qualquer área, tenham a iniciativa de propor outras referências que sejam capazes de abranger a diversidade étnica, cultural, de saberes e de experiências que se constituem em nosso país e no mundo.

À respeito da prática realizada a partir do trabalho de Lia de Itamaracá, gassen menciona a participação frequente de pessoas convidadas para compartilhar seus saberes ministrando oficinas no projeto:

*“No último ano (antes da pandemia) a gente fez muito isso, de trazer convidados, da música, da dança. A gente fez uma proposta de ciranda da Lia de Itamaracá, foi muito interessante, eles tiveram contato com muitas pessoas, isso é muito legal, é importante que a gente consiga voltar a fazer isso.” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

As atividades realizadas a partir do trabalho de Lia de Itamaracá, foram as últimas antes do início da pandemia. Em março de 2020, com a necessidade do distanciamento social, um novo momento se inicia no Colégio de Aplicação da UFRGS.

## 5. O MULTILINGUAGEM/ARTES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Lembro bem das primeiras semanas de distanciamento social, após o comunicado da OMS de que o mundo estava em estado de pandemia. O medo do vírus, de ir ao supermercado, de caminhar na rua, o número de casos diários aumentando consideravelmente, a impossibilidade de poder ver meus familiares, o número de casos e de mortes aumentando a cada dia, as aulas paralisadas, vai ter lockdown? Como as pessoas vão se manter? Como as pessoas vão estudar? Quando vamos ter vacina? O que vai ser deste país com essa gente que não acredita no perigo deste vírus? Que não acredita na ciência? Que incentiva a aglomeração e o não uso de máscaras? Que indica medicamentos sem eficácia comprovada pela ciência para tratamento precoce da doença? Por quanto tempo isso vai durar? 1 ano? dois? O que me resta fazer? E se eu morrer?

Essas e infinitas outras questões me acompanhavam durante os longos dias de distanciamento total, apenas meu querido companheiro e as plantas eram minhas companhias. Os dias eram regados de noticiários após noticiários, demasiado contato com telas e pixels - a única forma de comunicação com outras pessoas, - não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a preocupação com o presente e com o futuro próximo que nos aguardava.

O caos que se intensificava a cada dia. Enquanto cada indivíduo lidava com suas próprias inquietações, angústias e preocupações referentes à pandemia, algumas instituições escolares já começavam a pensar os modos de ensino que seriam adotados dali em diante, acompanhados da incerteza de quando tudo voltaria ao “normal”, e das imensas dificuldades que o Ensino Remoto Emergencial iria ocasionar. Neste contexto, tão logo se decretou a necessidade do distanciamento social, o corpo docente do Colégio de Aplicação já se articulava para organizar adaptar suas formas de ensino frente ao distanciamento social. Bonatto comenta que este momento inicial foi extremamente desafiador para todo o corpo docente. Em um momento de muitas incertezas, de não saberem quando as aulas iriam retornar, quanto tempo a quarentena iria durar, ainda tateando os modos de comunicação com as famílias, muitas eram as questões que precisavam ser pensadas para além do planejamento e da continuidade das aulas:

*[...] é inegável que houve uma dificuldade em função da adaptação de todos nós pra esse momento, a vida de todo mundo se modificou no início da pandemia, os tempos de trabalho explodiram, muito mais horas e horários muito dispersos. Agora por exemplo, desde o início do ano quando começamos com os horários síncronos, eu consegui estabelecer de novo uma rotina, que acordo às 8 horas, sento para trabalhar, paro ao meio dia, mas ano passado isso não existia pra mim. Eu tinha muitas reuniões, com o desafio de resolver um novo problema a cada dia, porque tinha muita incerteza envolvida, e no meio de tudo isso a gente tinha que planejar. Infelizmente, o planejamento não era o foco principal de tudo que a gente tinha que resolver naquele momento. Tínhamos 4 grupos de whatsapp com as famílias, e tinha toda a preocupação com o acesso das crianças às publicações, enfim, nos tomou muito. Essa foi a primeira grande dificuldade de decidir como a gente ia fazer isso, quais seriam os protocolos, quais os meios de comunicação com as famílias, que tipo de exigência a gente ia fazer, os PDFs tinham um formato no início, logo a gente diminuiu pq se deu conta que tinha coisas demais, pros estudantes.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Estas atividades em formato de PDF que Bonatto se refere, eram os denominados Estudos Dirigidos. Ainda em março de 2020, o corpo docente optou por seguir disponibilizando atividades aos estudantes através dos *Estudos Dirigidos*, documentos em formato de PDF caracterizados por pequenos textos, sugestões descritivas de atividades, poucas páginas que eram enviadas semanalmente para os estudantes. Existia uma grande preocupação das docentes, com relação ao acesso à internet por parte dos estudantes, e com o uso dos materiais que auxiliariam nos estudos e no desenvolvimento das atividades.

No caso do Multilinguagem/artes, as docentes sugeriam atividades com pequenas leituras, exercícios sensoriais, musicais, de coordenação motora, de alongamento, concentração, desenhos, pequenos vídeos, etc.. sempre pensando em utilizar materiais que os estudantes pudessem ter em casa.

*“[...] então a gente começou a pensar o que queremos que eles conheçam que não demande intervenção nossa. Começamos apresentando atividades sobre cinema, música e pequenos jogos de movimento de coordenação motora. Eram temas meio avulsos, tinha uma continuidade de no máximo duas ou três aulas.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Estes arquivos eram disponibilizados de diversas formas, grupos de whatsapp com pais e professores foram criados para melhor comunicação entre pais, professores e estudantes, as atividades eram enviadas por este aplicativo, por e-mail, além do colégio também disponibilizar o material impresso em sua sede, em alguns casos estes materiais eram levados nas casas das famílias que não tinham condições de ir buscar ou tivessem dificuldades no acesso à internet.

No decorrer do ano, a instituição organizou ações de arrecadação de cestas básicas e dispositivos eletrônicos para as famílias. Durante todo o Ensino Remoto emergencial o CAP-UFRGS se movimentou para alcançar absolutamente todos os estudantes, fazendo o possível para minimizar as desigualdades, buscando conter a evasão escolar e seguir com as atividades pedagógicas de uma maneira facilitadora para todos.

As devolutivas dos estudantes se davam através dos mesmos recursos citados anteriormente, o modo que fosse mais fácil para as famílias seria o utilizado pelas mesmas para retorno das atividades.

Neste processo de organização e planejamento dos estudos dirigidos, Gassen comenta algumas dificuldades relativas ao desenvolvimento das atividades e de descrevê-las de forma que os estudantes tivessem o melhor entendimento do que estava sendo proposto. O que nem sempre era algo muito simples de desenvolver:

*"[...] A gente teve que se adequar, criar propostas que fossem inteligíveis a partir de um texto, porque a gente trabalhava muito com a ótica da experiência com eles, da experiência do corpo, com as coisas, então a gente teve que fazer uma volta na nossa própria experiência para tentar colocar isso, não nos separar tanto do que a gente fazia, continuar mantendo as características do projeto, mas ser inteligível para eles, porque a compreensão do texto pra criança é muito difícil, a gente já tinha essa experiência do dia a dia, então às vezes tem que explicar explicar muitas vezes, era só no pdf em 2020, e a gente não podia trabalhar com muito recurso visual, a gente não podia ficar enchendo as crianças de imagens de referência por exemplo, porque alguns alunos iam receber isso impresso em preto e branco por exemplo, então assim, foi muito difícil." (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

Em minha experiência enquanto bolsista de residência pedagógica em meio ao Ensino Remoto Emergencial, refletia em demasia sobre o ato de criar oportunidades de experimentação para os educandos, sobre desenvolver experiências onde estes pudessem desenvolver suas capacidades de criação, de imaginação, onde pudessem explorar os sentidos, se transmutar em uma escala individual e solitária em suas casas. A coletividade tem um papel extremamente importante neste percurso, principalmente nas aulas de teatro, onde o jogo com o colega, a troca de olhares, a percepção espacial, a ludicidade, a brincadeira se estabelece na maioria das vezes a partir da troca que eu faço com o outro.

Durante o ano de 2021 os estudantes não tiveram a oportunidade de ter estes momentos de jogo, de ludicidade, de apreciação dos trabalhos dos outros, de discussão e reflexão sobre o que estava sendo realizado, de olhar nos olhos das professoras ao ouvir suas impressões sobre o trabalho, este momento de criação e experimentação solitária fez parte da vida dos estudantes durante o primeiro ano de pandemia.

Com o passar do tempo, as práticas de ensino foram se readaptando e se ajustando conforme a devolutiva dos estudantes, no entanto, a falta de retorno dos mesmos era muito grande. Diante disto, havia uma preocupação recorrente das docentes sobre o modo como estavam chegando as atividades para os alunos:

*“[...] a gente ainda não tinha muito claro para nós, o que que era difícil pra eles, Por que as tarefas não voltavam? Por que não estão fazendo? Por que a gente tá pedindo vídeo? Por que não conseguem abrir o email? Onde está o problema? A gente demorou pra se dar conta. Hoje por exemplo, sabemos que os pequenos quando estão trabalhando com vídeo têm mais dificuldade de realizar a tarefa porque envolve mais as famílias, então a gente evita, usa mais desenho por exemplo, mas com os grandes a gente já sabe que pode usar vídeo, que eles vão devolver, aí a gente vai adequando.” (BONATTO,2021) (Informação Verbal)*

Durante o ano de 2020, esses foram alguns dos percalços enfrentados pelas docentes em suas práticas pedagógicas. Um momento de grandes reorganizações do plano de ensino, com novas práticas pedagógicas que foram aos poucos sendo melhor desenvolvidas conforme o andamento das atividades, da devolutiva dos estudantes, de grande volume de trabalho na busca por dar conta de atender às demandas dos estudantes, de muitas discussões e reflexões sobre o melhor caminho a se seguir com as atividades, de modo que facilitasse para os alunos e para as famílias. Um momento de muitas dificuldades para toda a comunidade escolar, mas também de muita força e de muita resistência diante da crise que se estabeleceu devido à pandemia.

O engajamento dos estudantes para realização das propostas foi aumentando consideravelmente após a inclusão do Moodle como ambiente de ensino no ano de 2021. Esta plataforma já existe há muitos anos e é frequentemente utilizada por estudantes e professores de graduação e pós graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a mesma fornece recursos como de envio e recebimento de textos, imagens e vídeos em diversos formatos para estudos dos conteúdos abordados nas cadeiras, além de ser um local

de solicitação e envio de atividades também. No próximo capítulo abordaremos melhor sobre a inclusão desta plataforma no Colégio de Aplicação da UFRGS durante o Ensino Remoto Emergencial, no ano de 2021.

## 6. NOVAS PRÁTICAS ATRAVÉS DO MOODLE

Os chamados Seminários de verão, são encontros de formação docente que acontecem anualmente durante as férias de verão. No ano de 2021 os encontros passaram a ser online, e os assuntos abordados se relacionavam com a situação em que se encontrava o ensino nas escolas, através do uso da internet por meio de tecnologias digitais. Neste contexto o corpo docente do Cap-UFRGS participou de diversos seminários online para discutir estratégias de ensino, compartilhar saberes, se aperfeiçoar em aplicativos de edição de vídeos e sites para criação de materiais pedagógicos, conversar sobre temas emergentes como saúde mental, além de um momento para conhecer a realidade e a atuação de outros Colégios de Aplicação através da contribuição de convidados.

Um dos encontros do seminário de Verão 2021, foi realizado com foco em tutoriais para melhor compreensão da plataforma Moodle por parte dos professores, Bonatto comenta que ao mesmo tempo em que haviam professores muito bem resolvidos e familiarizados com o Moodle, haviam professores que tinham muitas dificuldades não só com a plataforma em questão mas com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs<sup>5</sup>) de maneira geral. À vista disso, este encontro foi de grande relevância para a equipe docente do CAP-UFRGS, momento em que tiveram a oportunidade de aprender o passo a passo das funções fornecidas pela plataforma. Além disso, algumas equipes do colégio também realizaram atividades de compreensão do moodle para as famílias.

Em 2021, após um ano de pandemia, o Colégio de Aplicação passa a utilizar a plataforma Moodle Ava para realização de tarefas, diversos recursos passam a ser utilizados a partir da utilização deste novo ambiente de ensino, este permite que as turmas sejam organizadas em blocos, em cada bloco a realização das tarefas pode ser dividida em semanas, as tarefas ficam registradas no histórico das semanas, podendo ser acessadas em qualquer momento, a plataforma também permite a utilização de fotos, vídeos e muitos outros arquivos de mídia e de texto, e possibilita que os estudantes possam visualizar e comentar nos trabalhos de seus colegas. Com a implantação do moodle, as estruturas das aulas, tanto síncronas quanto assíncronas se alteram.

---

<sup>5</sup> TDICs: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

No projeto Multilinguagem-artes as docentes planejaram diversas estratégias para transformar o Moodle em um ambiente mais intuitivo, acolhedor e convidativo para as crianças: o modo de visualização das atividades passa a ser cheio de cores, com inclusão de imagens e figuras, a orientação extremamente detalhada para entendimento dos exercícios, a indicação exata de onde deveriam clicar para enviar as tarefas, a escolha das imagens e fontes que seriam utilizadas, além de elaboração de cards informativos para as famílias. Todas as possibilidades eram estudadas conjuntamente pelas professoras e posteriormente analisadas na busca pelo aprimoramento dos processos e adaptação dos estudantes com a plataforma. Para tal, as docentes criaram um espaço de experimentação dentro do Moodle Colaboração<sup>6</sup>, neste espaço elas poderiam testar suas ideias, explorar possibilidades e compartilhar descobertas para aplicar na Sala de Aula do Moodle com os estudantes.

O bloco Multilinguagem/artes é oferecido para as turmas de segundo a quinto ano do Projeto de ensino Unialfas. Dentro da plataforma, foram criadas “Salas de Aula” virtuais para cada ano, e a cada semana, novas atividades eram inseridas nestas salas, de modo que quem tivesse acesso, conseguiria visualizar o material postado a cada semana de forma ordenada e organizada.

Neste momento inicial de habituação com a plataforma, um dos maiores objetivos das docentes era de viabilizar aos estudantes e às famílias o entendimento facilitado das tarefas de maneira que se compreendesse seus objetivos e o modo de retorno do que estava sendo solicitado. Abaixo segue a primeira mensagem enviada pelas professoras na plataforma, para os estudantes do Projeto Multilinguagem- artes Alfas III:

“QUERIDOS ESTUDANTES E FAMILIARES

ESTAMOS FELIZES EM ESTAR COM VOCÊS, MESMO QUE, POR ENQUANTO, SEJA À DISTÂNCIA.

ESSE É O ESPAÇO RESERVADO PARA AS ATIVIDADES DE **MULTILINGUAGENS ARTES**.

AQUI NÓS EXPLORAMOS EXPRESSÕES CORPORAIS, MUSICAIS E GRÁFICAS,  
EXPERIMENTAMOS AS SENSações CAUSADAS PELOS SONS, IMAGENS, MOVIMENTOS,  
CHEIROS, SILÊNCIOS, TEXTURAS...

---

<sup>6</sup> Moodle Colaboração: Ambiente virtual de apoio às capacitações, treinamentos, grupos de pesquisa e atividades de gestão administrativas da UFRGS.

TAMBÉM CONHECEMOS DIFERENTES FORMAS DE ENTENDER O MUNDO, RESPEITANDO AS DIFERENÇAS E AMPLIANDO NOSSO CONHECIMENTO.

**VAMOS ACORDAR NOSSOS CORPOS E NOS DIVERTIR**

BEIJOS DAS PROFES FERNANDA (ARTES VISUAIS), JULIANA (MÚSICA) E MÔNICA (TEATRO)”

Os estudantes foram convidados a responder um questionário onde poderiam sugerir ideias para a versão virtual do Multilinguagem-artes. A partir das respostas, as professoras começaram a pensar e estruturar as primeiras práticas que seriam desenvolvidas no modelo virtual.

Uma das primeiras experiências dos estudantes, após a inclusão do Moodle, foi a partir de tutoriais construídos pela professora Fernanda Gassen, acerca dos enquadramentos de câmera e de iluminação para obter fotos e vídeos. No primeiro exercício os estudantes eram orientados, com a ajuda dos pais, a recortar um retângulo em uma folha de ofício e explorar os enquadramentos à partir deste recorte, poderiam imaginar que este retângulo seria o enquadramento da câmera e explorar os espaços que poderiam ser visualizados a partir dele com perspectivas de distância entre a folha e o objeto enquadrado. No segundo exercício os estudantes eram orientados a tirar uma foto nítida de um desenho, para isso eles precisariam encontrar uma boa fonte de luz (perto da janela por exemplo) e ajustar a câmera ao desenho que estaria em uma superfície plana. O vídeo tutorial fornecia exemplos prévios e a atividade era explicada também através de PDFs explicativos e convidativos para melhor compreensão dos estudantes. Esta dinâmica foi estratégica visto que dali em diante, muitas das atividades iriam demandar certa percepção fotográfica dos estudantes.

Logo após as primeiras semanas, o Multilinguagem/artes começa a receber a contribuição de estagiários e estagiárias para o desenvolvimento das aulas, momento em que surgem muitas ideias inovadoras e criativas por parte dos mesmos. À partir da construção lúdica de uma situação em que os estudantes eram protagonistas, diversas outras ações foram reverberando durante as semanas seguintes.

Os estudantes recebem a presença de duas estagiárias do curso de Teatro que iniciam suas práticas de estágio nos Alfas II e III. Aline Bjerk e Caroline

Cesconetto criaram uma narrativa lúdica envolvendo os estudantes em uma história que acabou desencadeando uma série de outras atividades. Elas desenvolveram um telejornal denominado Plantão Matinal. Nesta, elas comunicavam sobre o desaparecimento de quarenta estudantes que, no meio de uma expedição, foram atingidos por uma forte tempestade e precisaram pular de paraquedas da nave em que estavam, para se salvar. Assim, acabaram caindo em diferentes localidades do universo. O primeiro desafio das estagiárias seria de resgatar cada estudante, e para isso, eles precisariam enviar fotos de seus acampamentos improvisados.

A partir dessa proposta, outras atividades foram sendo produzidas, como o envio de pistas do local em que os tripulantes estavam acampados através do teatro de sombras, desenvolvimento de lanterna sinalizadora com materiais acessíveis e desenhos de mapas para a equipe de resgate, acompanhado de inúmeras sessões extras do Plantão Matinal contando todos os detalhes desta grande aventura, onde os tripulantes perdidos poderiam acompanhar as experiências de outros colegas.

Nos Alfas IV e V, os estagiários Roger Santos e Aloísio Azevedo, também do curso de teatro, criaram o Jornal Matinal, telejornal com as notícias mais inusitadas do mundo: manifestações de formigas pelo alto preço do açúcar, previsões do tempo inesperadas, tutorias de maquiagem, entrevista com gatinhos fofos, etc.. Com todo o sucesso do Jornal Matinal, logo eles precisaram contratar mais jornalistas, comentaristas, entrevistadores, apresentadores de quadros sobre culinária para dar seguimento com as próximas edições. Para trabalhar do Jornal Matinal, os estudantes deveriam se inscrever criando um nome para seu repórter e escolhendo a pauta que gostariam de fazer, podendo também sugerir outras. A partir desta premissa, diversas reportagens foram criadas pelos estudantes, e transmitidas em edições do Jornal Matinal. Sobre estas experiências Mônica relata que esta experiência foi bastante significativa:

*“Agora em 2020, já trabalhando com vocês e a partir também da chegada dos estagiários que estão junto nesse processo, desenvolvemos um pouco mais essa ideia de que o foco está em trabalhar com o lúdico, mesmo que virtualmente e que a gente quer que eles sejam colocados nesse lugar de exercitar a imaginação, criar, figuras diferentes, histórias, cenários, de transformar sua própria casa. Pegamos um fio e seguimos, voltando sempre lá nos objetivos, mas também ouvindo muito o que eles estão nos trazendo.” (BONATTO,2021) (Informação Verbal)*

Esta experiência foi uma grande ação lúdica coletiva onde estagiários, professores, estudantes e posteriormente bolsistas de residência pedagógica entraram no jogo e se divertiram por meio da imaginação, da criatividade e da expressividade.

Mesmo que cada um tivesse seus processos de criação individual, existia uma interação coletiva motivada pelas narrativas criadas nestas atividades. A ludicidade esteve presente o tempo todo, possibilitando a construção de conhecimento através de brincadeiras e jogos.

Estas atividades tiveram uma boa aderência e um melhor engajamento dos estudantes e ao mesmo tempo, abriram um leque de possibilidades para a continuidade das aulas, após o fim dos estágios dos colegas.

## 6.1 CONSTRUINDO ATIVIDADES

Durante o processo de criação das tarefas assíncronas, percebemos que é de grande importância exemplificar a atividade que está sendo proposta, elaborando exemplos para serem enviados aos alunos juntamente com a descrição da atividade. Podendo ser através de vídeos, fotos, áudios, etc...

Assim como nas aulas presenciais de teatro, o professor anuncia a atividade e exemplifica, no online se percebeu que esta ação era mais que necessária. A partir destes exemplos, os estudantes conseguem compreender melhor o que se propõe, para além do enunciado, além de perceberem a gama de possibilidades que a elaboração da atividade pode oferecer. Ao realizar as propostas de exemplos, o docente entra junto na brincadeira, horizontaliza sua relação com o estudante, se propõe ao espaço de jogo.

Para elaboração de uma tarefa assíncrona diversas situações precisam ser pensadas previamente para que o estudante faça um bom entendimento do que está sendo proposto, do que está sendo solicitado. Bonatto comenta que são diversas camadas a serem pensadas na construção das propostas. Uma das primeiras preocupações é com relação ao envolvimento do estudante com as atividades, se o estudante está conseguindo fazer e retornar o que foi proposto e qual a dificuldade que ele está tendo para conseguir realizar a tarefa. O próximo passo é pensado a partir do entendimento do estudante com o que foi proposto:

*[...] O estudante entende o que a gente pede? Se muita gente não entende, não será problema na formulação da atividade? Estamos pedindo de um jeito que não funciona? Essa é uma constante na vida da gente. O problema pode ser nosso, então isso é outra camada. Se ele se envolveu e enviou, se ele entendeu, qual é a qualidade do trabalho que ele mandou em termos de objetivos que a gente tinha com ele. Quando a gente estava criando personagens, ele conseguiu criar um repórter com uma identidade específica? Conseguiu fazer uma reportagem que não fosse só uma releitura da reportagem que foi enviada junto com a proposta? Ele consegue trazer um elemento novo? Como é o texto que ele dá? Como é a fala que ele traz? É espontânea? É tranquila? tem várias camadinhas aí pra observar. [...] Mas no geral as atividades estão encontrando eco, e não dá pra avaliar um aluno e dizer que ele não atingiu os objetivos, sem contextualizar. Nenhum dos estudantes teve condições ideais para atingir. (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Compreende-se que o fazer pedagógico exige que o docente esteja sempre atento aos detalhes e as demandas que são trazidas pelos educandos, captando as singularidades de cada um e pensando sempre em possibilidades de valorizar as potencialidades e auxiliar nas dificuldades de cada um. É preciso que o professor esteja sempre disposto a refletir sobre sua atuação frente ao processo de aprendizagem dos estudantes.

Ao longo do tempo, foi se percebendo que algumas atividades que exigiam maior movimentação por parte das famílias, acabavam levando um pouco mais de tempo para serem elaboradas e retornadas:

*“Quando a gente pede um vídeo, tem o tempo de preparar, filmar e enviar e tudo isso demanda a presença de um adulto para um aluno de segundo, terceiro ano, eles não fazem isso de gravar pro celular e depois mandar, eles precisam desse suporte. Então, sempre que tem atividades com vídeo o retorno demora mais pra chegar, porque exige uma dedicação da família. Agora, se eu peço um desenho ou escrita, a família diz: “olha, tal atividade é fazer um desenho” e a criança trabalha sozinha, a mãe fotografa e manda. Isso não nos faz não pedir vídeos, por exemplo, mas a gente sabe que esse aluno pode não estar enviando porque tem uma complexidade na realização da tarefa que não é necessariamente do estudante, mas do entorno.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Já com relação aos Alfas IV E V, os estudantes conseguem ter uma noção um pouco melhor de edição e gravação de vídeos, como comenda Gassen:

*[...] quarto e quinto anos, vem vídeo, eles são muito empolgados com vídeo [...] eu e a Mônica em geral. Agora eles vão terminar o ano de 2021 editando vídeos. O quarto e quinto ano estão mais ativos nos vídeos, eles estão ficando muito bons em estratégias, com recursos de figurino, de enquadramento. A gente tem como retornos vídeos, fotos, fotos de desenhos, e algum comentário no Moodle, a gente fez uma proposta que tinha que retornar áudio no vídeo, então no fim vídeo era o que voltava, eles estão comentando nos trabalhos dos colegas, alguma crianças*

*comentam mais, mas não é um hábito.” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

Em um dos planejamentos para atividade assíncrona dos Alfas V, pensando em contratar novos patrocinadores para o Jornal Matinal nos Alfas V, a professora Mônica juntamente com a equipe residentes pedagógicos - incluindo eu - pensaram em fazer uma atividade em que os estudantes eram orientados a escolher três objetos e ressignificá-los transformando-os em um mesmo produto fictício, como por exemplo, utilizar uma colher, um vidro de xampu e uma escova de cabelos como um microfone, e após preparar um comercial para convencer o público da qualidade dos seus produtos. Produzimos três vídeos de exemplo para enviar junto à descrição. No entanto, percebemos uma certa dificuldade de compreensão da tarefa por parte dos estudantes, que atribuímos ao nosso modo de elaborar e explicar a atividade.

*“[...] A gente pediu o comercial com ressignificação de objetos, a maioria não conseguiu ressignificar, possivelmente a gente propôs uma atividade que não foi tão simples deles entenderem. Poderia ter sido construída de outra forma. Um caso em que a atividade foi bem sucedida em alguns aspectos, porque eles retornaram, se colocaram no vídeo, pensaram em enquadramento, fizeram textos interessantes, mas muitos não ressignificam os objetos. Isso a gente está colocando na nossa conta, porque quando é muita gente que não consegue, pode ser que a nossa atividade esteja difícil de entender.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Tendo em vista esta experiência, refletimos que poderíamos ter desenvolvido de outra maneira esta atividade. Talvez solicitando apenas um único objeto, questionando as possibilidades de ressignificação que ele poderia oferecer. Através destas percepções que só foram sendo descobertas através da experiência direta com os educandos, que as práticas foram sendo aperfeiçoadas e melhor desenvolvidas.

## 7. EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA NO RP

Lançado pela Capes em 2018 o Programa de Residência Pedagógica (RP), é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores que tem como objetivo, aprimorar a formação de estudantes dos cursos de licenciatura, proporcionando atuação prática de licenciandos em escolas da rede pública de ensino. Para participar desta modalidade de bolsa, o estudante precisa ter ultrapassado o quinto semestre de estudo ou ter efetuado pelo menos cinquenta por cento do curso.

Durante o final do ano de 2020 e todo o ano de 2021, tive a oportunidade de atuar como bolsista de Residência Pedagógica dentro do Colégio de Aplicação da UFRGS. Através do contato entre professoras preceptoras<sup>7</sup>, professoras orientadoras<sup>8</sup>, coordenadoria institucional<sup>9</sup> e com os residentes<sup>10</sup> do meu subprojeto<sup>11</sup> (Artes), o residente pode articular teoria e prática educacional através de reuniões, discussões sobre práticas pedagógicas, acompanhamento e planejamento de aulas, elaboração de atividades e reflexões coletivas acerca da prática docente.

Com orientação da professora Flávia Pilla do Vale, auxílio da professora Preceptora do subprojeto (Artes) Mônica Torres Bonatto, eu e outros residentes dos cursos de Artes Visuais, Teatro, Música e Dança adentramos de forma virtual ao Colégio de Aplicação da UFRGS.

Em 2020 utilizamos o final do ano para fazer reuniões virtuais semanais, com o propósito de conhecer melhor a escola através do relato de docentes que atuam na instituição e nos inteirarmos sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido pelos mesmos durante a pandemia.

Durante o ano de 2021 nos encontramos de forma quinzenal para pensarmos de maneira colaborativa, as atividades assíncronas, que seriam realizadas com os estudantes, além de observarmos a reverberação das mesmas no Moodle. Criamos

---

<sup>7</sup> Preceptor: professor da escola de educação básica responsável por planejar, acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na escola-campo.

<sup>8</sup> Docente Orientador: docente da Instituição de Ensino Superior (IES) responsável por planejar e orientar as atividades dos residentes de seu núcleo de residência pedagógica estabelecendo a relação entre teoria e prática;

<sup>9</sup> Coordenador Institucional: docente da IES responsável pela organização, acompanhamento e execução do projeto institucional de Residência Pedagógica;

<sup>10</sup> Residente: discente com matrícula ativa em curso de licenciatura que tenha cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período;

<sup>11</sup> Subprojeto: núcleo ou conjunto de núcleos organizados por áreas de residência pedagógica, classificadas como prioritárias e gerais.

um baú de atividades, tarefas extras que seriam “cartas na manga”. Discorremos sobre as devolutivas dos estudantes, comentamos sobre as soluções encontradas por eles, refletimos sobre como poderíamos melhorar a descrição das tarefas, criamos atividades continuadas que reverberaram por semanas, sempre adicionando novos desafios.

Com a entrada dos estagiários, através do moodle seguimos acompanhando suas criações e as devolutivas dos estudantes, mantendo as reuniões para comentar as atividades e a aderência dos mesmos.

Ao final da participação dos estagiários, pensávamos em como dar continuidade às aulas, sem desviar muito do que vinha sendo feito até então. A ideia era criar novos desafios a partir da narrativa que havia se estabelecido nas últimas semanas, aproveitando o grande índice de engajamento dos educandos.

Fiz parte da equipe de resgate, analisando os mapas enviados pelos tripulantes da nave e indo em busca dos mesmos com meus super equipamentos. Também pude participar de uma atividade em aula síncrona na turma Unialfas V e ser repórter por um dia em um exercício de improvisação onde todos eram jornalistas; realizamos um giro pelo mundo onde cada um anunciava uma notícia extraordinariamente diferente, logo após relatar sua notícia, o repórter convocava o próximo, até que todos participassem da rodada.

Este dia foi minha primeira participação em aula síncrona com a turma Unialfas IV, nesta aula estavam presentes bolsistas dos cursos de Teatro, Dança e do Bacharel em Japonês, além das professoras do grupo curricular, Fernanda Gassen, Mônica Bonatto e Juliana Pedrini além dos estudantes.

Com duração de 45 minutos a proposta da aula foi a realização de um aquecimento inicial com alongamento e 3 atividades voltadas para o jogo de improvisação. Sendo a primeira, um jogo que explorava o Onde<sup>12</sup>; a professora Mônica determinava lugares específicos e os jogadores teriam 5 segundos para fazer uma pose como se estivessem no lugar destacado.

A segunda atividade consistia em ouvir uma Paisagem Sonora proposta pela professora, identificar a que lugar a paisagem se refere, e após, em movimento, realizar ações que se tivesse relação com o com o lugar identificado. A terceira

---

<sup>12</sup>Onde: As regras do Jogo Teatral de Viola Spolin incluem a estrutura dramática, o *Quem* (*personagem*), *O quê* Situação dada e o *Onde* explora o local da ação, o espaço, o ambiente da ação.

atividade foi o jogo de improvisação citado anteriormente, onde noticiamos eventos inusitados em localidades diferentes do mundo.

Os estudantes foram todos bastante receptivos, não se intimidaram com a presença dos bolsistas na aula, todos abriram as câmeras e realizaram os jogos. A professora Mônica era responsável por conduzir as práticas enquanto as professoras e bolsistas realizavam os jogos juntamente com os estudantes.

Este foi um momento muito especial na minha vivência enquanto bolsista de residência pedagógica, visto que, durante muitos meses acompanhei o retorno das atividades assíncronas dos estudantes, e nesta aula, que aconteceu dia seis de Junho de 2021, pude conhecê-los, olhar para cada um, mesmo que através de telas, jogar e sentir a energia e a disponibilidade deles para o jogo.

Nesta aula pude perceber melhor como estava sendo a dinâmica das aulas síncronas, devido ao pouco tempo de aula, as atividades precisavam ser pensadas de modo que pudessem ser desenvolvidas sem transbordar o tempo da aula. Eram jogos rápidos, geralmente de improvisação, onde as professoras se revezavam na condução e na execução das atividades, enquanto uma conduzia as outras participavam dos jogos. Neste primeiro momento se observou a necessidade de diminuir o número de jogos planejados para se ter pelo menos cinco minutos de conversa para finalização da aula. Este momento de avaliação, mesmo que seja curto, é de extrema importância para o desenvolvimento das aulas.

Durante o segundo semestre de 2021, não consegui estar tão presente nas reuniões da residência, outras oportunidades foram surgindo, situações que não estavam planejadas para acontecer, mas que foram muito gratificantes, recompensadoras e de grande crescimento pessoal também. Meu tempo livre neste segundo semestre foi extremamente escasso, portanto, tive que acompanhar mais de longe as ações realizadas pelos estudantes, colegas e professoras.

Ao questionar as depoentes sobre a participação dos residentes na construção das aulas. Recebo um retorno muito positivo de ambas. Gassen relata sobre a importância deste trabalho coletivo que é sempre muito presente no projeto. Ao questioná-la sobre a contribuição dos residentes, ela comenta:

*“Adoro! Acho o máximo, agora vou ter estagiários mas a gente fala muito de vocês, porque a Mônica faz esta mediação, é muito importante pois traz esse frescor, e no Multi, basicamente o que a gente entende do Multi, é que é muita gente pensando em dar certo, é um pouco isso.[...] As*

*atividades sempre primavam pelo trabalho coletivo, sempre foi dentro dessa lógica de muita gente pensando, muitas ideias circulando, e estar desse jeito também, nesse sentido de ter os bolsistas que estão ajudando. Essas ideias que circulam, sempre são importantes.” (GASSEN, 2021) (Informação Verbal)*

Bonatto ressalta a importância que foi ter um momento de conversa entre residentes e professores do CAp, no final de 2020 e comenta sobre a explosão de ideias que foram surgindo ao longo do ano de 2021, tantas que não houve tempo de executar tudo o que foi pensado:

*“Pra mim, é bárbaro, porque eu acho que qualifica muito o trabalho, essas trocas que a gente faz. [...] Acho que a contribuição do RP pra mim foi essa, em 2020 de organizar e me reconectar com a escola como um todo para além do que eu já estava, e eu tenho muito orgulho assim, do tipo de trabalho que se faz, acho que no geral a gente tem coisas muito legais, então foi bom ter esse espaço e ver a produção dos outros professores, porque às vezes isso não acontece lá no CAp, a gente fica trabalhando na equipe internamente e ninguém sabe o que tu está fazendo. E esse ano, esse gás de ter ideias, produzir atividades, de pensar, mesmo que a gente não realize tudo, só o exercício de pensar junto é muito bacana.” (BONATTO, 2021) (Informação Verbal)*

Participar da bolsa de Residência Pedagógica em um momento tão conturbado, foi muito desafiador e de grande enriquecimento na minha trajetória acadêmica. Neste espaço me senti extremamente acolhida. Tive a oportunidade de experimentar a construção pedagógica de ensino através de um trabalho coletivo, colaborativo, onde todas as ideias eram bem vindas, eram valorizadas. Onde cada reunião era mais um momento de muito aprendizado, de compartilhamento de saberes.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta pesquisa, sinto que poderia ter ido um pouco mais além em certas reflexões durante minha escrita. Preciso ser sincera comigo mesma e com quem entra em contato com este trabalho, gostaria de ter um pouco mais de tempo para desenvolver melhor esta pesquisa. Muitas situações surgiram durante o processo, oportunidades que eu não poderia deixar passar como o início de um novo emprego, um bom emprego, e também o convite para a construção em tempo recorde de um espetáculo teatral que ganhou recursos via edital, para criar a caracterização do desfile de natal de uma cidade. Me propus a realizar e concluir este trabalho durante o segundo semestre de 2021, e aqui estou.

O processo de pesquisar é como estar em um labirinto onde a cada curva você encontra uma porta, você passa por ela, quanto mais você segue em frente, mais portas você encontra. Cada porta é uma descoberta e um novo assunto que você descobre. Você sente vontade de se aprofundar em tudo e de repente você percebe que foi tão longe no trajeto, mas que precisa regredir, voltar a olhar para os seus objetivos de pesquisa, que de certa forma você nunca abandonou. E você se dá conta que não haverá tempo para esmiuçar tudo o que você gostaria.

Ao mesmo tempo fico muito contente por ter realizado esta pesquisa, reconheço a importância deste trabalho e sinto orgulho do que foi desenvolvido até aqui.

Diante da catástrofe mundial que se instalou devido à pandemia e que abalou todas as estruturas da sociedade, principalmente o setor educacional, reconheço nesta pesquisa a relevância de um registro histórico, onde o compartilhamento do fazer teatral foi um respiro para todos os envolvidos. Onde os processos de aprendizagem foram sendo descobertos a cada novo passo.

Onde olhava eu, nos olhos das docentes através das telas, e podia perceber o brilho em seus olhos, aquela chama da arte que depois que acende, não apaga mais, e mesmo diante de tantas dificuldades, essa chama estava ali, presente. Assim como eu sentia esta chama aqui dentro também, junto da vontade de oportunizar um pouco de diversão, um espaço de criação, de experimentação, de movimento para estas crianças, através de jogos, de brincadeiras, de atividades que fossem prazerosas para eles.

Durante este processo pude compreender que apesar dos percalços enfrentados pelo caminho, sempre poderemos nos adaptar e oferecer o que há de melhor dentro de nós, de aprender com cada experiência. Que enquanto educadores devemos estar sempre pesquisando, nos aprimorando, buscando novas ideias, questionando as ideias já estabelecidas, estar em constante estado de curiosidade, que devemos estar sempre refletindo criticamente com relação à nossas práticas,

Que cada educando é um ser único, com suas próprias especificidades, suas próprias vivências e que podemos despertar as potencialidades de cada um se observarmos e escutarmos com atenção e empatia o que eles nos oferecem, respeitando seus saberes, suas vivências e sua autonomia.

Que estar em movimento nos salva, da solidão, da tristeza, do conforto.

Que devemos lutar pelo nosso espaço dentro da escola, afirmar e reafirmar sempre que necessário que o ensino da arte é revolucionário e extremamente necessário na formação das pessoas.

Que este trabalho possa influenciar outras pessoas, sobre a importância do ensino de teatro, no ambiente escolar.

Meu desejo é chegarmos ao momento em que todas as escolas possam ter um projeto Multilinguagem/artes para chamar de seu, em que os educandos possam desenvolver uma percepção sensível sobre seu próprio corpo, identificar seus limites e suas potencialidades, possam explorar espaços e sensações e se sentir à vontade para expressar suas ideias e emoções dentro da escola, reconheçam o valor da cultura e da arte para a vida.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA. Celina Nunes. MACHADO Edilaine Ricardo. **VOZES INAUDITAS EM UM CURRÍCULO COLONIZADO- “EU QUERO UM PAÍS QUE NÃO ESTÁ NO RETRATO”** . Revista Cadernos do Aplicação. Publicação Ahead of Print ISSN 2595-4377 (online) Porto Alegre | jul-dez. 2020 | v.33 | n.2 p 5  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221253/001123722.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

BONATTO. MÔNICA TORRES . **ENTREVISTA CONCEDIDA A JENNIFER RIBEIRO**. Porto Alegre. Setembro de 2021. A entrevista parcial encontra-se transcrita no Anexo II desta monografia.

BRASIL. *Portaria 959/2013 de 27 de setembro de 2013* .**Estabelece as diretrizes e normas gerais para o funcionamento dos Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais** . Diário Oficial da União. Seção 1, Brasília, DF, n.189, p.9

BRIGHENTE, Miriam Furlan. MESQUIDA, Peri **MICHEL FOUCAULT: CORPOS DÓCEIS E DISCIPLINADOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES** . X Congresso Nacional de Educação, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade, Educação - SIRSSE - Curitiba, Novembro de 2011  
 disponível em < [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4342\\_2638.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4342_2638.pdf)> acesso em 28/11/2021

CALDAS. Felipe Rodrigo.; HOLZER, Denise Rodrigo; POPY, Janice Aparecida. **A INTERDISCIPLINARIDADE EM ARTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**. Revista Nupeart v.17 Dossiê Artes/ Teatro na Educação Básica, p. (161-171) Dezembro 2017  
 acesso em  
 <file:///C:/Users/jenny/Downloads/9839-Texto%20do%20artigo-37770-2-10-20171229%20(2).pdf> 25/10/2021

CAPES . EDITAL Nº 1/2020 . **PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**  
 p.15, 06/01/2020 Disponível em <  
<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/06012020-edital-1-2020-resid-c3-aancia-pedag-c3-b3gica-pdf>> acesso em 27/9 /2021

CARVALHO, Carla. FREITAS, Aline Amaral. NEITZEL, Adair Aguiar. **SALAS DE ARTE: ESPAÇO DE FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL NA ESCOLA.** Educação, Sociedade & Culturas, nº 42, 2014, 67-86 Disponível em <[https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42\\_07CarlaCarvalho.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42_07CarlaCarvalho.pdf)> Acesso em 30/11/2021

CAVALCANTI. Bruno Cezar . **A ENTREVISTA COMPREENSIVA: UM GUIA PARA PESQUISA DE CAMPO** . Editora Vozes. EUFAL Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2011. 3º edição Pg.11

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS. **MARCO REFERENCIAL DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS APROVADO EM ASSEMBLÉIA.** p.3 Jan 2016 disponível em <<https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2021/07/MARCO-REFERENCIAL-do-PPP-converted.pdf>> acesso em 18/10/2021

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **REGIMENTO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.** Outubro de 2005 p.6 Acesso em 01/12/2021. Disponível em <[https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp\\_Outubro-2005.pdf](https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp_Outubro-2005.pdf)>

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS. **MANUAL DO NOVATO.** disponível em <<https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2019/02/MANUAL-DO-NOVATO-revisado.pdf>> acesso em 18/10/2021 conferir

FERREIRA. Thais, FALKEMBACH. Maria. **TEATRO E DANÇA NOS ANOS INICIAIS.** Editora Mediação. Porto Alegre. 2012

FREIRE. PAULO . **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA.** Editora Paz e Terra. São Paulo, 2011

FOUCAULT, Michel. **MICROFÍSICA DO PODER.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GASSEN. Fernanda Bulegon . **ENTREVISTA CONCEDIDA A JENNIFER RIBEIRO**. Porto Alegre. Setembro de 2021. A entrevista parcial encontra-se transcrita no Anexo I desta monografia.

ICLE. Gilberto . **PROBLEMAS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA: EXISTEM CONTEÚDOS EM TEATRO?**. URDIMENTO . p,73  
SETEMBRO DE 2011 Acesso em: 30/11/2020 Disponível em <  
<https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011070/9529> > P.73,75

KAUFMAN. Jean- Claude . **A ENTREVISTA COMPREENSIVA: UM GUIA PARA PESQUISA DE CAMPO**. Editora Vozes. EUFAL Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2011. 3º edição p. 13,30,53

MOLINA, William Fernandes e SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **OS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO: CONTEXTO DE CRIAÇÃO E REVERBERAÇÕES NO ENSINO DE TEATRO**. Urdimento, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020 p. 20 disponível em <  
[file:///C:/PERFIL/Downloads/17277-Texto%20do%20artigo-67594-1-10-20200920%20\(2\).pdf](file:///C:/PERFIL/Downloads/17277-Texto%20do%20artigo-67594-1-10-20200920%20(2).pdf)> acesso em 18/10/2021 .

OLIVEIRA. Luiz Fernando. **PAIXÃO, CRIAÇÃO, ÉTICA E CIENTIFICIDADE NAS PESQUISAS COMPREENSIVAS** Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013 p.990-995  
Acesso em: 01/12/2021 Disponível em<  
<https://www.scielo.br/j/cp/a/KDYrW4NFCbphx7pdy43kJct/?format=pdf&lang=pt> >

RIO GRANDE DO SUL . **REGIMENTO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO**. Aprovado pelo Conselho da Unidade, Ata 021/2005-CA. Out.2005 disponível em <  
[https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp\\_Outubro-2005.pdf](https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp_Outubro-2005.pdf)> acesso em 18/10/2021 conferir tipo de referência ARTIGO 16 p.6)

SILVA , K. A. C. P. da, & Cruz, S. P. (2018). **A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: HISTÓRIA, HEGEMONIA E RESISTÊNCIAS** -

*Diálogos em Educação*, 27(2), 227–247. Acesso em 09/08/2021 <  
<https://www.seer.furg.br/momento/article/view/8062/5352>>

SPOLIN. Viola - **JOGOS TEATRAIS: O FICHÁRIO DE VIOLA SPOLIN**. Editora  
Perspectiva, 2006. 2º edição

## **Anexo I - ENTREVISTA PARCIAL COM FERNANDA GASSEN**

**Entrevistadora: Eu gostaria que você contasse um pouco de sua trajetória até chegar ao Colégio de Aplicação da UFRGS**

*Fernanda Gassen: Eu sou formada em licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria, entre 2005 e 2006 fiz especialização. Aí eu trabalhei um período em Sapucaia do Sul, numa escola chamada Santos Dumont, fiquei trabalhando por um tempo lá até entrar no mestrado. Tentei o mestrado não passei, aí eu vim pra porto alegre, fiz o mestrado aqui no Instituto de Artes. Consegui bolsa e saí do município, na sequência do mestrado comecei o doutorado. Trabalhei também numa escola que era EJA a noite, mas foi uma experiência muito rápida, de mais ou menos um mês. Eu estava no meio do doutorado quando fiz concurso em 2011 e em 2013 eu fui chamada, no Colégio de Aplicação. Terminei meu doutorado já dando aula no CAp, mas não tive uma trajetória muito grande de ensino antes do colégio, a minha escola foi o colégio de aplicação mesmo.*

**Entrevistadora: E quando você entrou no Colégio de Aplicação já tinha o Projeto Multilinguagens/artes?**

*Fernanda Gassen: Não, fomos nós que criamos o mesmo projeto. Na época a Juliana Pedrini, da música, a gente conversava muito, a gente tinha feito um projeto com as gurias do terceiro ano, as polivalentes, todas as especializadas. A gente fez um projeto conjunto, eram duas turmas de terceiro ano, línguas estrangeiras e nós trabalhando junto sobre um mesmo tema, e foi muito interessante a atividade, nossa ideia do Multi partiu desse momento que a gente trabalhou muito juntas.*

*O Teatro ainda não tinha, acho que talvez nesse mesmo ano a Lisinei tivesse começado com alguma atividade no quinto ano, não sei se foi nesse ano ou no ano seguinte, isso era 2014, se não me engano. Esse projeto era sobre o lixo, algo assim, e então a gente trabalhava o mesmo assunto nas nossas áreas, fizemos a finalização do mesmo projeto, eles apresentaram coisas, fizeram exposição e tal e foi muito legal. A gente entendeu que as crianças tinham criado ali um repertório diferente tendo esse assunto, todo mundo ia orbitando.*

*O entendimento dos conceitos que a gente estava trabalhando foi maior, as crianças que estavam vendo aquele assunto a partir de várias perspectivas Também pensando em organizar o horário. O multi acabou organizando o horário dos alunos de forma que a gente tivesse um tempo mais qualificado com as crianças, porque antes era um período de artes visuais, aí depois eles tinham polivalentes, era um horário todo picado. Aí a gente faz um dia só de multi, então as polivalentes ficaram com dias mais inteiros de atividades com eles, elas conseguiram se dedicar mais e nós também. Mas nosso mote foi mesmo pensar nisso, que a gente tinha entendido*

*que as crianças conseguiram se apropriar mais das coisas, do que a gente estava falando, quando estávamos todas nós no mesmo barco. Porque antes a gente trabalhava aleatoriamente, cada uma trabalhava sua área no seu quadradinho, eventualmente fazíamos projetos assim, mas não era uma coisa constante né.*

*Nosso primeiro ano foi super experimental, a gente fez três alterações. No primeiro trimestre a gente trabalhou de um jeito, no segundo de outro, e no terceiro de outro. Na última assembleia eles disseram “ assim, desse jeito está interessante”. No início do projeto mesmo, a gente trabalhava interséries com eles, na primeira parte, no primeiro ano. Então a gente achou que essa experiência de troca entre os alunos de séries diferentes seria interessante, e numa assembleia eles pediram para que não fosse mais assim. A gente vai se adequando com o que a gente acha que é bom, com o que eles manifestam pra gente também, então nesse primeiro ano, em cada trimestre a gente teve uma forma de atuação.*

**Entrevistadora: Como ocorria a negociação e o planejamento das aulas entre vocês?**

*Fernanda Gassen: Era sempre uma loucura. Nesses últimos anos, a gente já estava nesse modo de trabalhar por departamento, por áreas de departamentos em blocos separados, então o processo é muito mais tranquilo entre nós, porque a gente é muito próxima e tem essa visão mais do campo da arte assim. Quando a gente trabalhava com o pessoal das Línguas Estrangeiras, a gente fazia reuniões para definir o assunto e aí depois a gente ia vendo quem que ia trabalhar com o que, mas era tudo muito orgânico assim, é muito difícil eu relatar pra ti, porque era um processo bem orgânico. Geralmente a gente pegava um vídeo, um texto e a partir dele a gente ia trabalhando as nossas especificidades.*

*Teve trabalhos que a gente usou muito o espaço da escola, a gente fez um projeto a partir do Hélio Oiticica que foi sensacional, porque eles transformaram as obras geométricas dele em partituras, depois a Ju criou umas partituras e eles transformam elas em dança, em coreografia. A gente fez uns túneis no pátio, os estudantes criaram obras penetráveis como as do Hélio, nos corredores. A gente fez gravação, teve uma atividade da Mônica que eles andavam pelo colégio todo debaixo de tecidos, passando pelos corredores. Foram experiências muito interessantes, pra justamente sair desse espaço mais formal da sala. Porque o nosso projeto, ele tem essa característica, a gente vai onde tem que ir onde o projeto manda.*

*Até agora no remoto, de vez em quando a gente tem uma aula remota de encontros síncronos, e chegam coisas que partem das crianças. Está um pouco mais complicado agora, mas um dos princípios do projeto é que as crianças vão dando um pouco a direção do que a gente vai fazer, a gente larga uma sementinha e eles vão construindo junto.*

**Entrevistadora: Como foi essa adaptação inicial do projeto para o contexto do ERE?**

Fernanda Gassen: *Primeiro a gente teve que, de alguma forma reduzir nossa atuação, se dividir mais, a gente tem uma aula só por semana, é muito difícil, a gente não tem espaço de troca com eles para explicar, porque isso é muito difícil com as crianças pequenas essa coisa do entendimento das propostas então a gente teve que se adequar, criar propostas que fossem inteligíveis a partir de um texto, porque a gente trabalhava muito com a ótica da experiência com eles, da experiência do corpo com as coisas, então a gente teve que fazer uma volta na nossa própria experiência para tentar colocar isso, não nos separar tanto do que a gente fazia, continuar mantendo as características do projeto, mas ser inteligível para eles, porque a compreensão do texto pra criança é muito difícil, a gente já tinha essa experiência do dia a dia, então às vezes tem que explicar muitas vezes. Era só no PDF em 2020, e a gente não podia trabalhar com muito recurso visual, a gente não podia ficar enchendo as crianças de imagens de referência por exemplo, pq alguns alunos iam receber isso impresso em preto e branco. por exemplo. então assim, foi muito difícil, esse ano está sendo muito mais tranquilo no sentido de que a gente consegue pegar essa coisa lúdica do projeto e colocar nos trabalhos, nas propostas. Mas foi uma transição, bem de forma, de como a gente vai fazer as crianças entenderem, sem material, também tinha isso.*

*Lá na escola a gente tem sala de artes, sala de música, de teatro, material em todas as salas, e , coisas diferentes, e organiza eles pra trazerem material também, mas aí a gente tá em casa né, então uma das coisas que a gente fez foi, a gente só pode trabalhar com materiais possíveis . A gente sabe que alguns têm celular, a maioria, então a fotografia dá, mas a gente tem que trabalhar com materiais que eles tem em casa, com o básico.*

**Entrevistadora: Como foi a migração para a plataforma Moodle?**

Fernanda Gassen: *Nesse primeiro momento tinha bem menos do que agora, a gente teve algumas coisas de formação mas a gente foi descobrindo ao longo do processo, o que mais comporta esse sentido do processo das crianças é como a gente vai apresentar pra eles e o que a gente vai apresentar e a gente trabalha nessa coisa do processo também então as coisas são encadeadas.*

*O Moodle é uma coisa dura, seca, difícil, eu fico impressionada que as crianças conseguem mexer, claro os pais ajudam, mas mesmo assim, a grande maioria deles conseguiu entender como é que funciona.*

**Entrevistadora: Como foi a reverberação das atividades por parte dos estudantes?**

Fernanda Gassen: *Nos pequenos as atividades de desenhos têm sido as que menos voltam, mas por exemplo, quarto e quinto anos, vem vídeo, eles são muito empolgados com vídeo. Quando a gente trabalhava no presencial a gente que editava os vídeos, a gente trabalhava coletivamente. As coisas, as regras, o que a gente vai fazer, o que vai botar o que não vai, mas a edição do vídeo era a gente que fazia, eu e a Mônica em geral. Agora eles vão terminar o ano de 2021 editando vídeos. O quarto e quinto ano estão mais ativos nos vídeos, eles estão ficando muito bons em estratégias, com recursos de figurino, de enquadramento.*

*A gente tem como retornos vídeos, fotos, fotos de desenhos, e algum comentário no Moodle, a gente fez uma proposta que tinha que retornar áudio no vídeo, então no fim vídeo era o que voltava, eles estão comentando nos trabalhos dos colegas, alguma crianças comentam mais, mas não é um hábito.*

**Entrevistadora: Como foi pra você a contribuição dos bolsistas do Programa de Residência Pedagógica no planejamento e execução das atividades das aulas?**

Fernanda Gassen: *Adoro! Acho o máximo, agora vou ter estagiários mas a gente fala muito de vocês, porque a Mônica faz esta mediação, é muito importante pois traz esse frescor, e no Multi, basicamente o que a gente entende do Multi, é que é muita gente pensando em dar certo, é um pouco isso.[...] As atividades sempre primavam pelo trabalho coletivo, sempre foi dentro dessa lógica de muita gente pensando, muitas ideias circulando, e estar desse jeito também, nesse sentido de ter os bolsistas que estão ajudando. Essas ideias que circulam, sempre são importantes.*

*Sobre as pessoas que vem dar uma aula pra eles, a gente tinha muito isso na multilinguagem, e sinto muita falta. No último ano (antes da pandemia ) a gente fez muito isso, de trazer convidados, da música, da dança, foi muito legal. A gente fez uma proposta de ciranda da Lia de Itamaracá, foi muito interessante, e eles tiveram contato com muitas pessoas, isso é muito legal, é importante que a gente consiga voltar a fazer isso, porque no ERE é muito difícil, até vocês que vão lá de convidados nas aulas síncronas e é legal que dá uma agitada.*

## Anexo II

### ENTREVISTA PARCIAL COM MÔNICA TORRES BONATTO

- Entrevistadora: Eu gostaria que você contasse um pouco de sua trajetória até chegar ao Colégio de Aplicação da UFRGS

*Mônica Bonatto: Bom, eu entrei no curso de Licenciatura em Teatro no DAD em 1994, dentro do curso a gente tinha uma estrutura bem diferente, com poucas vivências de sala de aula, de escola. O primeiro momento em que entro na escola efetivamente - e isso de certa forma é definidor de algumas escolhas posteriores - foi quando criamos junto com a professora Vera Bertoni, um projeto chamado Espaço Mágico. Foi um projeto de trabalho na antiga creche da UFRGS Francesca Zacaro. Portanto, eu inicio de fato entrando em sala de aula, com os bem pequenos junto às professoras regentes.*

*Quando me formo em 1999, vou para Esteio dar aula durante um semestre como professora contratada. Em 2000 eu tinha feito um concurso e me chamam, entro no Instituto de Educação e na escola privada ao mesmo tempo, a Projetos, uma escola que tinha um destaque muito forte para arte em seu projeto pedagógico.*

*Eu começo a minha trajetória docente nesses dois lugares. Na Projeto eu era a única professora de teatro. É uma escola pequena, eu dava aula para todas as séries dos anos iniciais e tinha um trabalho muito próximo às professoras regentes. Foi um espaço de formação muito importante onde pude entender que professora eu era, onde consegui ter uma dimensão desse impacto da minha atuação junto aos estudantes, discutir aprendizagem, os caminhos de aprendizagem dos estudantes para além do teatro, tínhamos conselhos de classe que pra mim eram verdadeiras aulas, a gente falava de aluno por aluno, e buscava entender ele globalmente, pra mim foi super importante. Fico 10 anos lá, tem um amadurecimento da minha figura docente lá, inclusive o meu mestrado eu fiz sobre um trabalho desenvolvido lá e é uma escola pela qual tenho muito carinho.*

*No instituto de educação eu encontrei uma realidade oposta, no sentido de que era uma escola gigante. Tinha turno manhã, tarde e noite. Tinha uma sala de teatro maravilhosa, um espaço incrível, mas era na época extremamente solitário porque eu não tinha muito com quem discutir o processo pedagógico que eu estava vivendo, que eu estava construindo.*

*Tinha algumas trocas pontuais com professores que não eram da área, mas era muito solitário. [...]*

*Nesse período, fiz especialização, mestrado e ingressei no doutorado, que é quando faço concurso para atuar no CAp. Então eu chego no CAp já tendo vivido uma série de coisas, mas ainda sem essa experiência tão intensa de troca entre professores de teatro que é o que eu sempre digo que foi o grande impacto do colégio de aplicação. [...]*

*E quando eu chego no Aplicação, uma escola que atende uma faixa etária muito ampla e vários níveis de ensino, com professores de gerações diferentes, foi*

*um choque. porque tudo era negociado: uma concepção de jogo, um entendimento de jogo dramático, teatral, de currículo, de evolução e continuidade, tudo era ultra negociado, cada uma trazia um jeito de olhar. Tive que me deslocar de algo que estava bem organizado, e quando chego nesse lugar... desorganiza. Foi muito bom, mas eu demorei um tempo pra me adaptar.*

*Em 2018 vou para as séries iniciais onde não tinha teatro até o início do projeto multilinguagens.*

**Entrevistadora: Sobre o Multilinguagem/artes. Como foi este processo de construção deste sistema até chegar onde vocês estão agora?**

*Mônica Bonatto: O Multilinguagem/artes tem uma característica que foi assim; foram avaliando o projeto desde o início junto com os alunos, eles foram contribuindo e mudando o formato. Lá no CAp a gente tem o hábito de fazer assembleias de turma onde se conversam sobre temas que são importantes pra turma.*

*Essa ideia da assembleia de turma tem um procedimento, tem uma orientação de como fazer, sempre tem quem escreve, quem anota os inscritos, o outro faz a ata, outro que coordena... É lindo ver as crianças envolvidas. Faz tempo que a gente não faz as assembleias, mas é uma experiência super linda.*

*Quando eu cheguei lá tinha um relato de que a interdisciplinaridade com as áreas das línguas estrangeiras nem sempre era algo tranquilo de desenvolver, porque a visão de que o teatro entra como acessório, ela está tão imbricada na concepção pedagógica das pessoas que era muito difícil a negociação e a construção de projetos em que de fato o foco fosse os conhecimentos em artes. Sobrava pouco espaço para trabalhar nossos objetivos, nossas características.*

*Então quando eu cheguei a gente fez um movimento de separar dois blocos: o Multilinguagens/Línguas Estrangeiras e o Multilinguagem/Artes, a gente se deu conta do quanto fazia sentido focar na interdisciplinaridade entre as artes, tendo em vista que cada área é um planeta. Quando eu entro em 2018, a gente começa esse processo, ainda um pouco tateando. [...] Começamos a trabalhar a ideia de construir projetos em torno ou de um conceito ou de um artista que possibilitasse vários desdobramentos. O primeiro projeto que realizamos juntas foi sobre Hélio Oiticica. Como ele tem um trabalho com arte relacional, nos possibilita fazer um olhar bem abrangente no campo das artes a partir da obra dele.*

*Começamos também a trazer a experiência de viver a escola de um outro jeito, explorar o espaço da escola com ações relacionadas aos procedimentos artísticos daquela pessoa ou daquele movimento que estávamos estudando. Foi interessante porque do Hélio acabamos indo para o universo da música, chegamos a trabalhar com obras de cinema que tinham trilhas que se relacionavam com o movimento, enfim.. foi bem lindo. Esse trabalho gerou uma publicação em parceria com o professor Gilberto Icle.*

*[...] Depois, a gente se deu conta que essa discussão, que parece óbvia em outros espaços, mas na escola chega devagar. A discussão sobre o currículo, sobre as referências que a gente leva, sobre a necessidade de decolonizar esse currículo. Percebemos que as nossas referências eram brancas, elitizadas.*

*Então a gente começa com a Angélica Das que é uma artista plástica brasileira que mora nos Estados Unidos, e da Angélica Dass a gente vai pra Lia de Itamaracá. Fazendo esse caminho através da Lia, nossa busca foi por entender o papel da dança nas sociedades tradicionais, a ciranda, o jongo, o bumba meu boi, o que tem de teatral ali? Como a estética disso se reflete e pode ser olhada através das artes visuais, do teatro e da música?*

*Quando chega 2020 para tudo! 2020 foi um ano muito difícil porque demoramos para achar um eixo, até porque a gente não sabia quando a quarentena ia acabar. Era aquele PDF que a gente mandava, então começamos a pensar no que queríamos que eles conhecessem, fomos apresentando coisas sobre cinema, música pequenos jogos de movimento, de coordenação motora, eram temas avulsos, tinham uma continuidade de no máximo duas ou três aulas, e tínhamos um retorno mínimo deles.*

*Agora em 2020 já trabalhando com vocês e a partir também da chegada dos estagiários que estão junto nesse processo, a gente encontra um pouco mais, primeiro a ideia de que temos que conseguir trabalhar com o lúdico com eles mesmo que virtualmente e que a gente quer que eles sejam colocados nesse lugar, de trabalhar a imaginação, criar, figuras diferente, histórias diferentes, cenários, de transformar sua própria casa. [...]*

*Parte desta ideia do Multilinguagem/Artes surge de uma necessidade de organizar também a rotina desses alunos, porque para esses estudantes é importante tempos grandes com as professoras polivalentes, para poder desenvolver atividades maiores. Com a gente também é importante ter uma lógica que consiga ser aprendida por eles para que eles se sintam também numa rotina estruturada.*

### **Entrevistadora : Como foi a adaptação inicial do projeto para contexto do Ensino Remoto Emergencial**

*Mônica Bonatto: [...] Conseguimos nos virar bastante bem porque somos um grupo de colegas amigas, a gente tem uma rotina, uma lógica que funciona bem no whatsapp, uma dá ideia, outra complementa, temos uma afinidade muito grande e nesses últimos quatro anos, conseguimos consolidar isso super bem, então isso não foi exatamente uma dificuldade.*

*Mas é inegável que houve uma dificuldade em função da adaptação de todos nós pra esse momento, a vida de todo mundo se modificou no início da pandemia, os tempos de trabalho explodiram, muito mais horas, e horários muito dispersos. Desde o início do ano, que a gente começou com os horários síncronos, eu consegui estabelecer de novo uma rotina, que acordo, às 8 horas sento para*

*trabalhar, paro ao meio dia, retomo à tarde, mas ano passado isso não existia pra mim. Eu tinha muitas reuniões, era resolver um problema por dia, porque tinha muita incerteza envolvida, então no meio de tudo isso a gente tinha que planejar, o planejamento não era o foco principal de tudo o que tínhamos que resolver naquele momento.*

*Tínhamos quatro grupos de whatsapp com as famílias, toda a preocupação com o acesso das crianças à internet, aos materiais, enfim, nos tomou muito. Essa foi a primeira grande dificuldade, de decidir quais seriam os protocolos, quais os meios de comunicação com as famílias, que tipo de exigência iríamos fazer. Os PDF's tinham um formato no início, logo diminuimos porque nos demos conta de que tinham muitas demandas para os estudantes. [...] A falta de retorno dos estudantes era brutal também, porque a gente não sabia como tava chegando. "Por que não estão fazendo? porque a gente tá pedindo vídeo? Porque não conseguem abrir o email? Onde está o problema? A gente demorou pra se dar conta. Hoje, por exemplo, a gente sabe que os pequenos, quando solicitamos trabalho com retorno em vídeo, eles têm mais dificuldade de mandar porque envolve mais as famílias, então a gente evita, usa mais desenho por exemplo.*

### **Com a Inclusão Moodle, vocês tiveram atividade de formação?**

*[...] No início do ano tivemos um seminário de verão, é esse período de formação que a gente tem todo o início de ano, que o CAP organiza. Presencial também tinha.*

*Na nossa programação, houveram vários encontros destinados a pensar sobre questões de tecnologia, questões que iam nos demandar mais naquele momento. A gente focou em trabalhar sobre saúde mental, algo que estava bem presente pra nós como um elemento crucial [...] Teve um dia que foi sobre Moodle e aí algo importante da gente saber, é que no CAP você tem gente super alfabetizada nas tecnologias e gente que está super analógico ainda e que não tem interesse em fazer isso.*

*Isso sempre foi uma questão no CAP desde que eu entrei. A gente tinha um projeto chamado Um Computador por Aluno, onde cada um dos estudantes ganhou um computador simples para trabalhar e tinha professor com muita dificuldade de desenvolver esse tipo de projeto porque ele próprio tinha essa dificuldade com a tecnologia. [...] Então teve esse dia que uma colega professora ensinou passo a passo, como botar um vídeo, como editar.etc...*

*No Multilinguagem/artes a gente fez um curso no Moodle colaboração, era um espaço onde podíamos mexer juntas, experimentar e compartilhar as descobertas. Tivemos momentos só pra conversar sobre como iríamos fazer para construir as atividades naquele ambiente. São decisões muito simples mas que exigiam uma articulação entre nós. Então a gente teve esses momentos de formação voltados para as famílias, fizemos muitos cards, tutoriais para que eles pudessem navegar na plataforma.*

*As pessoas dizem que o Moodle é pouco intuitivo e de fato é. Nas outras equipes os professores arranjaram outras soluções, teve formação para pais. Todas as equipes precisaram se dedicar na formação ou dos estudantes ou das famílias.*

*A gente fez uma oficina do Pequenices<sup>13</sup>. Um luxo! Tínhamos feito essa formação sobre tecnologia, programas e plataformas, mas não tínhamos feito nenhuma formação específica para as nossas áreas de Arte. Então juntamos as profes de teatro, de dança e uma colega da música que trabalha com os pequenos e fizemos três dias de encontros pra trabalhar jogos, saber como elas estavam desenvolvendo isso, como estava sendo o trabalho delas no remoto, que tipos de jogos elas tinham adaptado, quais eram as dificuldades, o que elas destacariam como possível de se fazer, e foi bem importante também porque nós nos colocamos em movimento. Quando chegaram os estagiários [...] a gente já estava trabalhando com vídeos, montando atividades com diferentes recursos, para ter um outro jeito de chegar nos estudantes.*

*Eu acabei entrando na brincadeira que a gente inventou no Moodle, com personagens, vídeos, eu já tinha uma relação de produção audiovisual com as crianças na escola, então pra mim tem o espaço de diálogo, de trânsito tranquilo, não é uma grande dificuldade, me divirto fazendo isso, inventando tentando criar um jogo, são coisas que me estimulam, mesmo sabendo que é completamente diferente de uma aula de teatro do jeito que a gente faz no nosso cotidiano.*

***Entrevistadora: Como foi a reverberação das atividades entre 2020 e 2021? Como é a avaliação das atividades? O que pra você é uma atividade bem sucedida neste contexto do Ensino Remoto Emergencial?***

*Mônica Bonatto: Sobre a avaliação de uma atividade, eu acho que a primeira camada que a gente precisa pensar é assim: a gente está conseguindo envolver esse estudante?*

*Como a gente teve esse distanciamento intenso ano passado, então nesse ano a primeira questão é: Está vindo retorno? Eles tão fazendo? Estão conseguindo retornar?*

*Na segunda camada: Ele entendeu o que a gente pediu? [...] Ou a gente está pedindo de um jeito que não funciona? [...] Quando a gente estava criando personagens, ele conseguiu criar um repórter com uma identidade específica? Conseguiu fazer uma reportagem que não fosse só uma releitura da reportagem que foi enviada junto com a proposta, ele consegue trazer um elemento novo? Como é o texto que ele dá? Como é a fala que ele traz? É espontânea? É tranquila?*

*Tem várias camadinhas aí pra observar. A gente pediu o comercial com ressignificação de objetos, a maioria não conseguiu ressignificar, possivelmente a*

---

<sup>13</sup> Pequenices: Arte Educação: Desenvolvido desde 2016, o projeto se dedica a pensar o protagonismo das crianças em processos artísticos e educadores ao explorar as áreas de circo, dança, teatro e da cultura popular. Além de ministrar aulas para crianças, o grupo também oferece oficinas para educadores.

*gente propôs uma atividade que não foi tão simples deles entenderem. Poderia ter sido construída de outra forma. Foi um caso em que a atividade foi bem sucedida em alguns aspectos, pois eles retornaram, se colocaram no vídeo, pensaram em enquadramento, fizeram textos interessantes, mas muitos não ressignificam os objetos. Isso a gente está colocando na nossa conta, porque quando é muita gente que não consegue, pode ser que a nossa atividade esteja difícil de entender.*

*Uma atividade que tem um bom retorno dos estudantes, que eles entendem o enunciado, que eles conseguem se colocar jogando, que tu vê que eles estão se desafiando de alguma forma. [...] Mas no geral as atividades estão encontrando eco e não dá pra avaliar um aluno e dizer que ele não atingiu os objetivos sem considerar se foram proporcionadas as condições para atingir.*

*Quando a gente pede um vídeo, tem o tempo de preparar, filmar e enviar e tudo isso demanda a presença de um adulto para um aluno de segundo, terceiro ano, eles não fazem isso de gravar pro celular e depois mandar, eles precisam desse suporte. Então, sempre que tem atividades com vídeo o retorno demora mais pra chegar, porque exige uma dedicação da família. Agora, se eu peço um desenho ou escrita, a família diz: “olha, tal atividade é fazer um desenho” e a criança trabalha sozinha, a mãe fotografa e manda. Isso não nos faz não pedir vídeos, por exemplo, mas a gente sabe que esse aluno pode não estar enviando porque tem uma complexidade na realização da tarefa que não é necessariamente do estudante, mas do entorno.*

**Entrevistadora: Como foi pra você a contribuição dos bolsistas do Programa de Residência Pedagógica no planejamento e execução das atividades das aulas?**

*[...] No RP ano passado, foi um momento de organizar a casa, estava tudo tão solto, estávamos apagando incêndio a toda hora, a chegada de vocês me possibilitou parar pra conversar sobre o trabalho chamando os colegas, organizando esse nosso olhar sobre a própria escola, e os retornos que dados eram valiosos nesse sentido, então naquele momento foi bem importante. [...]*

*Pra mim, é bárbaro, porque eu acho que qualifica muito o trabalho, essas trocas que a gente faz. Acho que a gente poderia fazer mais, mas temos alguns impedimentos em função do pouco número de encontros com as crianças. Não dá pra aplicar todas as atividades que a gente imaginou, nem todos os projetos que imaginei a partir do RP. É difícil dar continuidade a algumas coisas, são muitas ideias pra pouco tempo, mas que foram fundamentais pra me ajudar a pensar fora do que eu estava habituada. As nossas aulas no presencial tinham momentos de conversa, de ouvir pessoas, mas a gente conseguia produzir pouco individualmente, por exemplo, eu acho que essas crianças vão vir com outra autonomia, podendo trabalhar mais em grupos pequenos.*

*Acho que a contribuição do RP pra mim foi essa, em 2020 de organizar e me reconectar com a escola como um todo para além do que eu já estava, e eu tenho muito orgulho assim, do tipo de trabalho que se faz, acho que no geral a gente tem*

*coisas muito legais, então foi bom ter esse espaço e ver a produção dos outros professores, porque às vezes isso não acontece lá no CAp, a gente fica trabalhando na equipe internamente e ninguém sabe o que tu está fazendo. E esse ano, esse gás de ter ideias, produzir atividades, de pensar, mesmo que a gente não realize tudo, só o exercício de pensar junto é muito bacana.*